



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Daniela Jeremias Guarezi

**OS GIBIS DA *TURMA DA MÔNICA* COMO APOIO PARA O LETRAMENTO E A
ALFABETIZAÇÃO**

Florianópolis

2016

Daniela Jeremias Guarezi

**OS GIBIS DA *TURMA DA MÔNICA* COMO APOIO PARA O LETRAMENTO E A
ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Gilka Elvira Ponzi Girardello.

Florianópolis

2016

Daniela Jeremias Guarezi

**OS GIBIS DA *TURMA DA MÔNICA* COMO APOIO PARA O LETRAMENTO E A
ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Florianópolis, 09 de agosto de 2016.

Professores Avaliadores:

Prof^ª. Dra. Gilka Elvira Ponzi Girardello.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dra. Maria Aparecida Lapa Aguiar.
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dra. Roselete Fagundes de Aviz.
Avaliadora
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof^ª. Dra. Lilane Maria de Moura Chagas.
Avaliadora Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho aos meus familiares, em especial minha avó paterna, Robélia Nandi Guarezi, pelo carinho, amor e dedicação nestes 96 anos de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida e por ter me enviado para essa família que é tão abençoada. Aos quais não poderia deixar de agradecer.

Meus pais, Marlene e Dionei, pelo apoio de sempre, pela acolhida nos dias em que havia obstáculos, por sempre acreditarem e me encorajarem a seguir em frente, além de todo suporte que me dão, os conselhos e as longas horas de escutas das minhas queixas e reclamações. A eles meu agradecimento máximo, eterno, maior e com todo o amor que sinto no peito. Tudo isso, devo a eles!

À minha irmã, Dirlene, que apesar das brigas sempre esteve ao meu lado, com apoio e choques de realidade, por ser minha inspiração de independência e me ensinar tantas coisas.

Às minhas famílias Guarezi e Jeremias, por todo carinho que me dão, em especial aqui minha prima Thaise Carara Jeremias por me encorajar, por me auxiliar, por me ouvir e principalmente nos últimos meses por me abrigar quando estava apavorada na escrita deste trabalho.

Às minhas colegas de classe, nosso grupinho Clube da Luluzinha (Ana Karoline, Bianca, Caroline, Nilza, Roseli e Vanessa), e em especial aqui minha amiga da vida Nicole e o nosso grupo de amigos que esteve presente nesta caminhada, minha dupla de comissão, Tatiane, minha eterna dupla a que serei grata pela vida inteira Karoline, e não menos importante Francine, por me acolher na sua casa e me apresentar meus amigos amarelos, meus suportes de hoje.

Por fim, à Universidade Federal de Santa Catarina pelo crescimento, ao curso de Pedagogia e aos mestres que trilharam por este caminho. Incluindo minha orientadora Prof^a Dr^a Gilka Girardello, por me acalmar, entender meus objetivos, e encaixar minha pesquisa da melhor maneira possível, em uma orientação impecável e rica em conhecimentos e aprendizagens, meu muito obrigada.

“A pessoa deve definir suas metas, assim ela pode dedicar toda a sua energia e talento para chegar lá. Com bastante esforço, ela pode conseguir. Ou ela pode achar algo que é ainda mais gratificante. Mas no final, não importa qual seja o resultado, ela saberá que viveu.”

(Walt Disney)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema o potencial das histórias em quadrinhos, e especialmente dos gibis da *Turma da Mônica*, como apoio para a alfabetização e o letramento, e seu objetivo geral é apontar as possibilidades de utilização destes materiais como aliados para a aprendizagem das crianças nesta área. Como referências teóricas, o trabalho baseia-se nos conceitos de alfabetização e letramento estudados no Curso de Pedagogia, na abordagem dos Estudos Culturais quanto à relação entre a educação e os artefatos da cultura de massa, e em estudos sobre as histórias em quadrinhos. Para alcançar o objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em artigos e livros acadêmicos e em outras obras acerca da utilização das histórias em quadrinhos e particularmente nos gibis da *Turma da Mônica* por docentes. Do estudo constatou-se que, apesar de ter havido um tempo em que estes materiais não eram bem vistos em sala de aula, ultimamente os professores têm utilizado as histórias em quadrinhos como grandes aliados no processo de alfabetização e letramento das crianças. Verificou-se que diversas são as formas com que os gibis da *Turma da Mônica* podem ser utilizados em sala de aula de maneira produtiva, contribuindo para maior facilidade na aprendizagem. As HQs da *Turma da Mônica* podem motivar os alunos a realizar suas leituras, e introduzir assuntos relevantes para discussão em sala de aula, enriquecendo a dimensão do letramento.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Histórias em quadrinhos. *Turma da Mônica*.

ABSTRACT

This work has as its theme the potential of comics, especially comic books of *Turma da Monica*, as support for literacy, and its main objective is to point out the possibilities of using these materials as allies for child education in this area. As theoretical references, the work is based on the concepts of literacy studied in the School of Education, on the Cultural Studies' approach to the connection between education and mass culture artifacts, and on studies about comics. To achieve the goal, a bibliographic research was conducted, based on academic articles, books and other works about the use of comics and particularly of *Turma da Monica's* comic books by teachers. From the study it was found that, although there was a time when these materials were not well received in the classroom, teachers have lately used comics as major allies in the process of developing children's literacy. It was found that many are the ways by which comic books of *Turma da Monica* can be used productively in the classroom, stimulating and contributing to greater ease in learning. The stories of *Turma da Monica* can motivate students to perform readings, increase children's creativity and introduce relevant issues for discussion in the classroom, enriching dimensions of literacy.

Keywords: Literacy. Comics. *Turma da Monica*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Primeira história em quadrinhos do mundo.....	20
Figura 2 - Exemplo de Balão-Cochicho	23
Figura 3 - Exemplo de Balão-Berro	23
Figura 4 - Exemplo de Balão-Trêmulo.....	24
Figura 5 - Exemplo de Balão-Uníssonos	24
Figura 6 - Exemplo de Balão-Mudo	24
Figura 7 - Exemplo de Balão-Sonho/Pensamento.....	25
Figura 8 - Primeiro gibi da Turma da Mônica, na época, Mônica e sua turma.....	31
Figura 9 - Personagens sobre Inclusão Social	32
Figura 10 - Gibi sobre Inclusão Social da Turma da Mônica.....	32
Figura 11 - Gibi sobre Alimentos Saudáveis da Turma da Mônica	33
Figura 12 - Gibi sobre Trabalho Infantil da Turma da Mônica.....	33
Figura 13 - Gibi sobre Educação no Trânsito da Turma da Mônica	34
Figura 14 - Gibi sobre Meio Ambiente da Turma da Mônica.....	34
Figura 15 - Gibis sobre Saúde da Turma da Mônica.....	35
Figura 16 - Alfabeto da Turma da Mônica.....	46
Figura 17 - Quebra Cabeça, Jogo da Memória e Jogo da Velha	47
Figura 18 - Cartazes sobre Comportamento	48
Figura 19 - Atividades das Crianças da Turma	49
Figura 20 - Noções de Higiene com a Turma da Mônica.....	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA.....	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1 EDUCAÇÃO, CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS	15
3.2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	17
3.3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	20
3.3.1 Leitura de imagem nas histórias em quadrinhos.....	22
3.3.2 Utilização das histórias em quadrinhos na sala de aula.....	26
4 OS GIBIS DA <i>TURMA DA MÔNICA</i> COMO APOIO PARA O LETRAMENTO E A ALFABETIZAÇÃO	30
4.1 A ESCOLHA DOS GIBIS DA <i>TURMA DA MÔNICA</i>	30
4.2 SUBSÍDIOS E REFERÊNCIAS PARA O TRABALHO COM OS GIBIS DA <i>TURMA DA MÔNICA</i> NA ALFABETIZAÇÃO E NO LETRAMENTO.....	35
4.2.1 Na Escola com as histórias em quadrinhos: dois meses com a <i>Turma da Mônica</i>	36
4.2.2 A <i>Turma da Mônica</i> como apoio ao ensino de Língua Portuguesa, Geografia e História.....	39
4.2.3 As aulas que estão no Gibi: outras estratégias de alfabetização e letramento	40
4.2.4 Os Gibis como estímulo ao gosto das crianças pela leitura	42
4.2.5 Incentivo à leitura e à escrita na pré-escola	44
4.2.6 Aquisição da leitura e da escrita a partir dos personagens da <i>Turma da Mônica</i>	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso de Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina tem como objetivo discutir as possibilidades de uso dos gibis da *Turma da Mônica* como recurso didático no âmbito de alfabetização e letramento. Busquei perceber sua importância e a forma como podem ser trazidos para as crianças no contexto escolar, bem como situá-los no contexto dos estudos sobre a relação entre as histórias em quadrinhos e a educação. O trabalho foi realizado por meio de um levantamento de pesquisas bibliográficas sobre o tema, aliado à minha percepção de experiências com o uso dos gibis em sala de aula.

A área de alfabetização na escola sempre me despertou muito interesse. Partindo então deste campo, optei por realizar esta pesquisa de conclusão de curso de Pedagogia sobre o tema da alfabetização, e especificamente sobre o potencial das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* para a alfabetização e o letramento. Assim, a partir da bibliografia estudada, pretendi perceber melhor quais as possibilidades de utilização dos gibis destes personagens como aliados desses processos educativos. Inicialmente, ao cursar a disciplina de Pesquisa II, realizei uma busca quanto aos personagens de desenhos animados infantis mais recentes, de sucesso na atualidade, como a famosa *Galinha Pintadinha* e a *Peppa Pig*; porém, diante das poucas pesquisas que encontrei sobre esses textos e que pudessem contribuir para este trabalho, decidi então focar minha atenção na *Turma da Mônica*, um produto cultural nacional muito popular entre as crianças, que começou com histórias em quadrinhos, conhecidas como HQs, e que hoje traz também desenhos animados na televisão, no cinema e na internet, além de muitos outros produtos para crianças.

Num primeiro momento, pensei em ter, como objetivo principal, pesquisar a abordagem dos gibis e seus personagens a temas polêmicos na atualidade, como autismo, racismo, crianças especiais, ou seja, trabalhar a *Turma da Mônica* em relação a políticas educacionais, como a inclusão, por exemplo. Porém, fui percebendo que o enfoque deveria ser outro, pois à medida que os meus estudos de artigos sobre o assunto se aprofundavam, notei que os gibis vinham sendo utilizados e pensados por muitos educadores enquanto recursos valiosos para a alfabetização e o letramento.

Partiu daí a vontade de pesquisar mais sobre este assunto específico. Surgindo um entusiasmo maior, então decidi prosseguir com um levantamento das pesquisas dos artigos sobre a *Turma da Mônica* nesta área. Desta forma, surgiu a ideia de estudar o potencial das histórias da *Turma da Mônica* como recurso didático para a alfabetização, a leitura, e sua contribuição para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

A razão da escolha dos gibis da *Turma da Mônica* se deu por diversos fatores, dentre eles: o fato de se tratar de um desenho nacional, com tantos anos de história, tendo sido apreciado por muitas gerações; e a experiência que tive no Estágio de Anos Iniciais, quando percebia que as crianças, sempre que lhes eram propostas atividades de leitura, procuravam, na maioria das vezes, os gibis da *Turma da Mônica*.

O presente trabalho me remete a lembranças da infância: sempre que eu ia ao supermercado com meus pais e pedia um gibi da *Turma da Mônica*, na maioria das vezes meu pedido era atendido, porém eu era avisada de que não poderia levá-lo para a escola, senão o gibi poderia ser tomado de mim pela professora; hoje, vendo a presença destes materiais em sala de aula, me perguntei o porquê desta mudança. Hoje em dia muitas revistas de quadrinhos são permitidas na escola e não apenas nas horas de lazer, sendo, além disso, também vistas como grande recurso pedagógico. Quais os motivos de os gibis hoje serem aceitos em sala de aula foi, então, uma das questões que me mobilizou a fazer a pesquisa.

Na problematização deste trabalho trazem-se algumas outras questões sobre o uso dos gibis da *Turma da Mônica* como apoio ao letramento e à alfabetização. Entre essas questões estão a existência de uma seleção prévia pelos professores ou a livre escolha das revistinhas entre as crianças, as formas de trabalhar com os gibis em sala de aula, em que momento fazê-lo, se os gibis criam dependência da imagem em relação aos textos, entre outras. Este trabalho, então, tem como objetivo, partindo de uma sistematização e reflexão sobre referências bibliográficas sobre o tema, entender o potencial dos gibis da *Turma da Mônica* como aliados da alfabetização e do letramento.

2 METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica. Neste item, procuro pensar no fazer pesquisa, nos modos de fazê-la, nos critérios para levantamento do material e nas formas de organizá-lo e analisá-lo. É preciso, primeiramente, entender o que é uma pesquisa, e em especial uma pesquisa bibliográfica. Para isso, lembramos o que dizem os especialistas sobre o método de construção de uma pesquisa; segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 83):

Método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

De acordo com Minayo (1992), existem fases para a construção de uma trajetória de pesquisa: a escolha do tópico de investigação, a delimitação do problema, a definição do objeto e dos objetivos, e a construção do marco teórico conceitual, bem como a escolha dos instrumentos de coleta de dados e por fim, se preciso, uma exploração de campo. É importante ressaltar, como faz a autora, que uma fase exploratória precária trará dificuldades na investigação como um todo (Minayo, 1992, p. 32).

Neste sentido, o presente trabalho tem como tema os gibis da Turma da Mônica como apoio à alfabetização e ao letramento.

A problematização consistiu em saber quais as possibilidades da utilização dos gibis da Turma da Mônica como aliados ao processo de alfabetização e letramento das crianças. Fazem parte dessa problematização questões sobre como são selecionados os gibis e os modos como são explorados em sala de aula: há uma leitura para toda a turma ou são feitas apenas leituras individuais? Em que momentos e contextos os gibis devem ser utilizados? Por que anteriormente as histórias em quadrinho eram proibidas nas escolas e agora são utilizadas como material de apoio dentro da sala de aula?

O objetivo geral do trabalho é apontar as possibilidades de utilização das histórias em quadrinhos, e particularmente dos gibis da *Turma da Mônica*, como aliados na alfabetização e no letramento das crianças. Os objetivos específicos são: conhecer a contribuição dos estudos culturais na educação e sintetizar os conceitos de alfabetização e letramento, entendendo-os como bases teóricas para a pesquisa; contextualizar as histórias em quadrinhos e a *Turma da Monica*; sistematizar estudos acadêmicos sobre como são utilizadas as HQs em sala de aula e especialmente sobre as possibilidades de utilização dos gibis da *Turma da Monica* na

alfabetização e no letramento. No caso de nosso trabalho, a pesquisa exploratória buscou proporcionar maior familiaridade com o tema escolhido, através da identificação e da leitura de estudos bibliográficos sobre as histórias em quadrinho e a *Turma da Monica*. Assim, esta etapa da pesquisa facilitou a minha compreensão do assunto, e me ajudou a entender o que eu queria estudar, na linha do que diz Costa (2002) sobre a etapa exploratória de um trabalho: "Pesquisar é uma aventura, seja um bom detetive e esteja atento a suas intuições! Pistas, intuições, suspeitas, dúvidas, merecem ser objeto de atenção" (Costa, 2002, p. 151).

Uma pesquisa bibliográfica, segundo Minayo, também deve ser disciplinada, crítica e ampla. Disciplinada, pois utilizamos fichamentos sistemáticos, recomendados pela autora como uma boa prática. Crítica, porque procuramos "estabelecer um diálogo reflexivo entre a teoria e o objeto de investigação por nós escolhido" (Minayo, 1992, p.33). Por fim, ampla, porque a pesquisa busca "dar conta do estado atual do conhecimento sobre o tema" (idem).

Quando a pesquisa bibliográfica é iniciada, é preciso elaborar um projeto com o intuito de saber qual a melhor direção a seguir para atingir o objetivo principal da pesquisa. É preciso então compreender a dimensão técnica que se inicia na proposta de:

Como definir um objeto, como abordá-lo e como escolher os instrumentos mais adequados para a investigação. Sendo técnica, sempre diz respeito à montagem de instrumentos (Demo, 1991), o projeto de pesquisa é visto neste sentido como um instrumento investigativo (MINAYO, 1992, p. 34).

Portanto, em nosso projeto adotou-se a pesquisa bibliográfica, a qual se baseia em livros, artigos científicos, publicações periódicas, reportagens, arquivos online, dentre outras referências, para a fundamentação da pesquisa. Isto porque percebemos que existem muitos estudos sobre o tema no Brasil, que ainda não conhecíamos, e que poderiam nos ajudar a responder a nossas questões e alcançar assim nosso objetivo.

Buscou-se inicialmente estudar e sintetizar referências acerca do letramento e da alfabetização no Brasil, a partir do que estudamos em nossa formação no Curso de Pedagogia. Também foram realizadas leituras sobre os Estudos Culturais na educação, já que essa corrente teórica dá grande ênfase à relação entre os produtos da cultura de massa, como as histórias em quadrinho, e a educação. Posteriormente buscou-se identificar artigos e pesquisas mais específicas com relação ao uso das histórias em quadrinhos e especialmente dos gibis da *Turma da Mônica* como materiais de apoio na alfabetização e no letramento dos estudantes.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo irá apresentar uma síntese das referências que nos apoiam para compreender a possível contribuição dos gibis da *Turma da Monica* para o letramento e a alfabetização das crianças. A primeira dessas referências é o diálogo entre educação e cultura, principalmente por meio da abordagem dos Estudos Culturais, que ajuda a entender a presença dos produtos culturais comerciais, como os gibis, no cotidiano das crianças. Vamos também conceituar alfabetização e letramento, além de situar a origem e as principais características das histórias em quadrinhos.

3.1 EDUCAÇÃO, CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS

A educação é um importante instrumento de transformação da realidade de uma sociedade. Ela favorece a conscientização e o desenvolvimento dos indivíduos. É um desenvolvimento contínuo que envolve o ensinar e o saber, e que está mergulhado na cultura. Neste sentido, Carlos Rodrigues Brandão (1993, p.7) afirma que "ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela [...]".

Essa dimensão ampla da educação está presente na sua própria afirmação como direito constitucional, expressa na Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988):

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Segundo Paulo Freire (1984) o processo de construção do conhecimento pode ser considerado como uma atividade bem complexa, em que o indivíduo deverá, além de decifrar a escrita, realizar uma interpretação da leitura do mundo, ou seja, o modo de pensar, ou melhor, a visão que a pessoa possui da realidade que a cerca. Assim, importante ressaltar que este é um dos motivos pelos quais o professor deve trabalhar com diversos tipos de textos dentro da sala de aula.

Vemos que essa afirmação de Freire já poderia nos ajudar a justificar a presença de histórias em quadrinhos na sala de aula. Na mesma linha, de acordo com Marcos Coimbra (2006, p.1):

[...]entenda-se Educação em seu conceito mais amplo, abrangendo desde a transmissão de princípios e valores pela família, passando pelo ensino formal, até chegar ao processo de absorção de informações efetivado através de outros canais, como a leitura voluntária, as notícias dos meios de comunicação etc.

A escola é o lugar em que os alunos devem ter contato com os diversos tipos de conhecimentos inerentes ao processo ensino-aprendizagem. Dessa forma a escola desempenha um papel fundamental no processo de formação de cidadãos para viverem em uma sociedade.

Em relação à cultura, inicialmente é preciso ter em vista que ela é uma das bases de uma sociedade. A cultura segue determinados caminhos das áreas de conhecimento, de arte, as próprias crenças, as leis, os costumes e hábitos de uma sociedade, família ou espaço de vivência. Segundo Cary Nelson, Paula Treichler e Lawrence Grossberg (*apud* Costa, Silveira e Sommer, 2003, p. 40):

a cultura é o próprio material de nossas vidas diárias, as pedras fundadoras de nossas compreensões mais corriqueiras (...). Nas tradições dos Estudos Culturais, pois, a cultura é entendida tanto como uma forma de vida – compreendendo ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder – quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante.

Além disso, é preciso levar em conta aquilo de que as pessoas gostam, porque é a prática reiterada de algum comportamento que faz surgir a cultura, como Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 36) explicam, a partir da ótica dos Estudos Culturais na educação:

Cultura transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismo segregacionistas, para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo de erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – culturais – e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido.

A abordagem dos Estudos Culturais (EC) surgiu na Inglaterra, a partir de grupos sociais que começaram a perceber que certos grupos elitistas impunham suas culturas sobre os demais, por se acharem superiores. Passaram então a entender que a cultura se constitui também de atividades e atitudes de pessoas comuns. Valorizaram, assim, a educação de todas as pessoas, tentando contemplar a diversidade de seus interesses.

Sendo assim, os EC são um modo de pensar a cultura de forma não elitista, para incluir as atividades e os significados produzidos pelas pessoas comuns. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003).

Os Estudos Culturais buscam inspiração em diversas teorias, rompem com o que já está posto como normal e fazem refletir sobre a atualidade. Nessa perspectiva, é importante reconhecer a relevância da linguagem para todo o conhecimento aprofundado sobre a cultura, e a ampliação da noção de texto, para além dos textos tradicionalmente aceitos na escola.

No Brasil, os Estudos Culturais têm colaborado com a educação na ampliação das noções de educação, pedagogia e currículo para além dos muros da escola, valorizando o potencial pedagógico dos diversos artefatos culturais (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003).

Nessa perspectiva, somos educados por diferentes contextos, entre eles filmagens, textos, propagandas, jornais, imagens, revistas, e outros objetos culturais, somos bombardeados de informações diariamente em nossas vidas. Por isso, nesse contexto são utilizadas as expressões “currículo cultural” e “pedagogia da mídia”, que dizem respeito a exposições do mundo, da comunidade, e do próprio ser que a mídia produz e faz circular, envolvendo saberes e valores. Os textos que a mídia veicula são problematizados para ressaltar a dimensão formativa que apresentam, num movimento de abertura da escola aos diferentes textos da cultura. Portanto, a função dos professores é dar acesso à informação e mediá-la por meio de novas possibilidades. Sendo assim, nessa perspectiva, deveríamos dar atenção e valorizar as experiências que os próprios estudantes socialmente construíram que são significativas para eles. A presença das histórias em quadrinhos na educação pode ser entendida nesse contexto. Já começamos aí a entender por que de algum tempo para cá elas passaram a ser mais aceitas na escola.

3.2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A comunicação é uma das necessidades primordiais do ser humano. É por isso que, desde o início da civilização, o homem tem deixado marcas impressas que expressam seus sentimentos, acontecimentos, desejos. A escrita acompanha lentamente a evolução do homem no mundo, porém cada cultura cria um código pelo qual a comunicação fica mais fácil entre as pessoas que fazem parte dela (JEAN, 2002).

Este código, por exemplo, pode ser o alfabeto. O caminho para uma criança adentrar o mundo da cultura letrada é trabalhoso. Muitas são as formas pelas quais as crianças podem ser alfabetizadas e letradas.

No Brasil, desde o advento da Lei 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, o Ensino Fundamental tem duração de nove anos e inicia-se aos seis anos de idade. Nesta idade, as

crianças querem principalmente brincar, até mesmo porque elas vêm da pré-escola, portanto, ao introduzir a alfabetização e o letramento, deve-se ter muito cuidado para que não haja uma brusca ruptura, para que não seja negativa a introdução destes dois processos na vida da criança.

Importante dizer que alfabetização e letramento não se confundem, mas não podem se afastar: enquanto a alfabetização é a aprendizagem inicial dos códigos da leitura e da escrita, o letramento é o uso social da leitura e da escrita.

Neste sentido, Magda Soares (2004, p.10) enfatiza que esses dois processos caminham juntos:

A alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema/grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

A autora continua discorrendo sobre o tema, nos seguintes termos:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional da escrita – *a alfabetização* – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – *o letramento* (SOARES, 2003, p.12).

Desta forma, observa-se que mesmo havendo distinção entre o que é letramento e alfabetização, os dois caminham juntos na aprendizagem do alfabetizando.

Especificamente com relação à alfabetização, de acordo com Val (2006, p. 19):

[...] pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita.

Segundo Freire (1984, p. 9) “[...] alfabetizar-se é adquirir uma língua escrita através de um processo de construção do conhecimento com uma visão crítica da realidade”. Assim, alfabetizar vai além do ensinar em sala de aula. A criança precisa ter acesso a diferentes meios, interagir com adultos e crianças, aproximar-se de diferentes gêneros textuais que existem na sociedade, sendo um deles o gibi. A partir dessas experiências, a criança deve iniciar a produção de seus próprios textos, explorando sua criatividade.

O letramento é mais amplo e complexo que o saber ler e escrever num sentido estreito, pois ele se traduz no reconhecimento de práticas sociais de leitura e escrita. Letrar é levar o estudante a saber contextualizar a leitura, para que a mesma possa fazer sentido na vida do alfabetizando.

Sobre o tema, Soares (2004, p. 12) afirma que é importante *alfabetizar letrando*, pois ambos os processos se complementam:

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando, pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita, é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita.

A leitura e a escrita são importantes para qualquer pessoa, que necessita de ambas para realizar praticamente cada ato da vida civil. Além disso, promover o saber ler e escrever é respeitar o princípio da dignidade da vida humana. A pessoa analfabeta acaba vivendo às margens da sociedade. De acordo com José Juvêncio Barbosa (2013):

Saber ler e escrever possibilita o sujeito do seu próprio conhecimento, pois sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, produzir, ele também, um conhecimento (BARBOSA, 2013, p.19).

O Brasil, em que pese tenha melhorado muito em termos de acesso à educação nos últimos anos, precisa melhorar a qualidade dessa educação. Muitas vezes a criança passa pela escola e não aprende a ler e escrever da forma que deveria. Ou, mesmo que saiba ler e escrever, não consegue interpretar o que acabou de ler.

Neste sentido, uma matéria publicada pela Revista Valor Econômico, em fevereiro de 2016, aponta que a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) de 2016, divulgou um estudo sobre a Educação, que examinou o desempenho de 15,1 milhões de estudantes com 15 anos, e que constatou o seguinte: “Dos 2,7 milhões de alunos brasileiros avaliados, 1,9 milhão tinha dificuldades em matemática básica, 1,4 milhão em leitura e 1,5 milhão em ciências; e 1,1 milhão tropeça nas três disciplinas” (RAGAZZI, MARTINS).

Para tentar melhorar esta realidade, os professores devem buscar alternativas para aprimorar a alfabetização e o letramento das crianças, e nesta pesquisa estamos procurando entender como a utilização de histórias em quadrinhos em sala de aula pode contribuir como uma dessas alternativas.

3.3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O surgimento das Histórias em Quadrinhos (HQs) se deu há mais de 150 anos. A primeira história considerada em quadrinhos foi lançada em Genebra, na Suíça, e tinha como título *The Adventures of Mr. Obadiah Oldbuck*, que na tradução literal é *As Aventuras de Obadiah Oldbuck*. Foi criada pelo autor Rodolphe Topffer, na universidade da própria cidade, em 1837 (FERRO, 1987).

Figura 1 - Primeira história em quadrinhos do mundo



Fonte: Ferro, J. P. (1987). História da banda desenhada infantil portuguesa: Das origens até ao ABCzinho.

Lisboa: Editorial Presença.

A popularização das histórias em quadrinhos ocorreu no século XIX, com o começo do jornal humorístico ilustrado. Este surgiu por conta de boa parte da população ser analfabeta, e precisar de imagens para uma interpretação sobre os assuntos abordados (FERRO, 1987).

A primeira história em quadrinhos brasileira foi escrita por um autor italiano que morava no Brasil, Angelo Agostini, e foi publicada no Rio de Janeiro em 1869, com o título *As Aventuras de Nhô Quim*. Ela apresentava um homem do interior e suas surpresas com a vida, em histórias que eram destinadas ao público adulto (CIRNE, 1990).

Tempos depois, surgiram as histórias em quadrinhos para o público infantil, na revista que tinha como título *O Tico-Tico*, publicada no Rio de Janeiro, em 1905. Mais tarde, foram iniciadas as publicações de histórias em quadrinhos traduzidas de originais dos Estados

Unidos, como *Mickey* e o *Gato Félix*, personagens ainda conhecidos nos tempos atuais (CIRNE, 1990).

Com o passar dos anos, as HQs se tornaram cada vez mais populares, e passaram a ser consideradas veículos de comunicação de massa. As HQs foram evoluindo e diversificando seus temas e estilos, voltando-se a diferentes públicos, em sua maioria das vezes, crianças e adolescentes. Aos poucos, passaram a ser valorizadas como objetos culturais, fonte de pesquisa e estudo, tanto por suas qualidades estéticas como pelo seu potencial de serem acessíveis a um grande número de pessoas.

Histórias em quadrinhos (HQs), entendidas como um artefato cultural, produtor de significados, constituem-se num material de fácil compreensão, não necessitando que a pessoa que as tenha em mãos saiba ler o código da língua escrita, possibilitando uma outra leitura compreensiva pelo leitor, desde crianças a adultos não escolarizados. Isto porque as HQs são compostas não apenas por linguagem literária, mas também pela linguagem gráfica e visual (LISBÔA, 2008, p. 67).

O lançamento das HQ's da *Turma da Mônica* foi em 1959, em São Paulo, sendo uma criação do hoje conhecido Maurício de Sousa. De início, o autor escreveu tirinhas com o personagem do cão Bidu e enviou-as para o Jornal Folha Da Manhã, atualmente Folha de São Paulo. Em continuidade ao trabalho, Maurício criou os personagens Cebolinha, Piteco, Chico Bento, Penadinho, Horácio, Raposão e Astronauta, que estiveram presentes, sempre em tirinhas, durante mais de 10 anos nas folhas do jornal. Já na década de 1970, começaram a ser publicadas as revistas em quadrinhos, vendidas em bancas de jornais. Foi então que surgiu a famosa personagem Mônica, em uma revista cujo lançamento atingiu mais de 200 mil exemplares (LISBOA, 2008).

Observando as histórias desenvolvidas por Maurício de Sousa, percebe-se que os personagens criados pelo autor são sempre baseados no humor e na afirmação de valores, de conceitos do que é correto fazer para conviver em sociedade, com personagens de boa índole que buscam praticar boas ações.

Assim, além de serem consideradas material de fácil acesso e compreensão mesmo para as pessoas que não sabem ler, as histórias em quadrinho - e particularmente as da *Turma da Mônica* - têm sido consideradas por muitos professores e estudiosos como sendo potencialmente capazes de apoiar o ensino e a aprendizagem, sendo tratadas como veículo de comunicação, dentro e fora de sala de aula. Mais adiante neste trabalho iremos examinar com mais detalhe alguns desses estudos.

3.3.1 Leitura de imagem nas histórias em quadrinhos

Inicialmente, é preciso pensar na base para a leitura de histórias em quadrinhos, nas estratégias que são fundamentais para o entendimento dessas histórias. É preciso assim refletir sobre aspectos como trama, personagens, objetos que a história utiliza, tempo, movimento, o próprio enquadramento, a profundidade e o ponto de vista.

De acordo com Juvenal Zanchetta (2014), o primeiro passo para ler uma narrativa visual é perceber que a trama se divide em três momentos: a) a contextualização, que apresenta os personagens, os lugares, e a composição da história; b) o desequilíbrio, que são os problemas que devem ser resolvidos, e que alteram a situação inicial da história; c) e o reequilíbrio, onde se terá a solução para os problemas.

Outro elemento importante são os personagens, afinal, sem eles, a história não teria sentido. Estes trazem a percepção sobre ideias, possibilidades, e significados durante a narrativa. O modo como o personagem se apresenta e se comporta diz muito sobre a trajetória dele, dentro e fora da obra. Os objetos dão sentido a alguns contos, eles podem expressar explicações, bem como representações (ZANCHETTA, 2014).

É preciso então observar que as histórias acontecem em tempos diferentes, podendo apresentar um quadrinho ou ilustração que não tem a mesma duração que o próximo quadro. O enquadramento é a organização dos elementos na ilustração, que pode ser feita de acordo com diferentes planos, provenientes da linguagem cinematográfica: o plano geral, o conjunto, o médio, o americano, o aproximado, o close e o de detalhe.

A forte influência exercida pela mídia entre as novas gerações leva à necessidade de enfrentamento desse tema. O ritmo e boa parte dos efeitos pretendidos por narrativas gráficas e audiovisuais (filmes, telenovelas, etc.) são ditados por sequências de enquadramentos, muitas vezes esquemáticos. Ou seja, os planos criam leitura, atenção, compreensão, ênfases, etc., e tais efeitos se fazem reconhecer por jovens leitores – de livros e mídias variadas (ZANCHETTA, 2014, p.74).

Os quadrinhos também precisam ter profundidade, muitas vezes para dar sentido ao contexto. Geralmente no primeiro plano estão os personagens e elementos mais próximos; no segundo plano os objetos intermediários e no fundo os que são mais distantes do leitor.

A autora Vanessa Machado (2011) ressalta alguns outros elementos importantes da linguagem das revistas em quadrinhos, que devem ser analisados: "as formas de balões, a oralidade nos quadrinhos, o papel da onomatopeia, a cor, a ação da narrativa e o tempo na linguagem dos quadrinhos" (MACHADO, 2011, p. 3).

Ramos (*apud* Machado, 2011, pp. 4-6) apresenta os diferentes contornos de balões, de acordo com seu significado:

- Balão-Cochicho¹: tem as linhas pontilhadas e indica voz baixa;

Figura 2 - Exemplo de Balão-Cochicho



- Balão- Berro: este tipo de balão traz linhas contínuas porém tem extremidades para fora, indicando voz alta;

Figura 3 - Exemplo de Balão-Berro



¹ Esta imagem, como as demais nesta e nas duas páginas seguintes, foi reproduzida do artigo de Vanessa Machado onde não consta referência da fonte.

- Balão-Trêmulo: traz linhas tortas e tem como indicativo medo ou voz tenebrosa;

Figura 4 - Exemplo de Balão-Trêmulo



- Balão-Uníssonos: quando dois ou mais personagens falam a mesma coisa juntos;

Figura 5 - Exemplo de Balão-Uníssonos



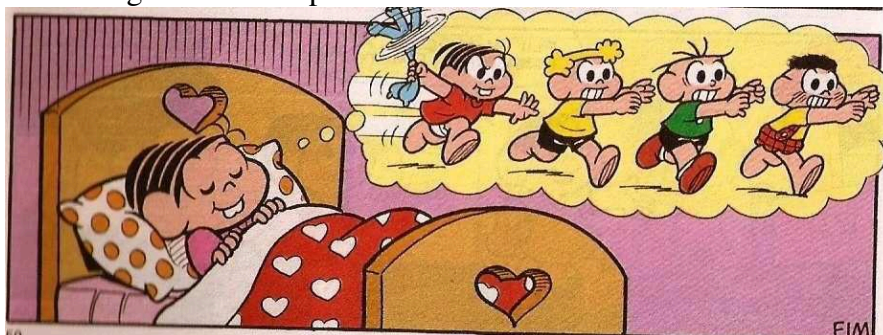
- Balão-Mudo: o que não contém falas, e na maioria das vezes aparece com reticências;

Figura 6 - Exemplo de Balão-Mudo



- Balão-Sonho/Pensamento: que mostra através das imagens o sonho ou pensamento do personagem;

Figura 7 - Exemplo de Balão-Sonho/Pensamento



Além destes, é possível introduzir as crianças ao significado das as onomatopeias, que são muito presentes nas histórias em quadrinhos e que representam na sua maioria o som que produzem os momentos. Segundo ressalta Beatriz Gouveia, coordenadora do programa "Além das Letras", do Instituto Avisa Lá, de São Paulo, em entrevista a Denise Pellegrini, as onomatopeias (*ploft* e *grrr*, por exemplo,) facilitam a compreensão das situações e emoções dos personagens (PELLEGRINI, 2000).

Estes recursos expressivos, que são utilizados frequentemente nos quadrinhos, trazem uma construção de linguagem, como ressalta Martins (2011):

A onomatopeia tem grandes possibilidade de estar presente nas HQs, talvez por consequência dos mangás chineses, os que mais utilizam o emprego deste tipo de estratégia. O uso frequente das onomatopeias acaba construindo uma linguagem dentro do quadrinho, representando diversos sons e podendo estar dentro ou fora dos balões. Porém, o aspecto visual das onomatopeias adquire uma característica distinta das letras usadas nos balões e, também, poderá ter expressões diferentes, tratando, especificamente da cor, do tamanho e até do prolongamento. São esses mecanismos expressivos discursivos que vão auxiliar na dotação de sentido ou no valor expressivo da narrativa. (p.7)

Essas são algumas das estratégias utilizadas para constituir a narrativa imagética dos quadrinhos. Conhecê-las pode enriquecer as formas de leitura das HQ e também as possibilidades de as crianças se expressarem por meio dessa linguagem, enriquecendo seu processo de letramento.

3.3.2 Utilização das histórias em quadrinhos na sala de aula

Neste contexto, traremos algumas considerações sobre a utilização das histórias em quadrinho como apoios para o ensino e a aprendizagem.

Os quadrinhos podem ser importantes auxiliares do ensino. As palavras aliadas às imagens podem trazer maior envolvimento do estudante com a leitura, fazendo com que ele desenvolva o hábito da leitura e enriqueça seu vocabulário.

De acordo com Vergueiro (2014):

As histórias em quadrinhos têm grande contribuição na vida de várias pessoas, pois elas fazem parte deste cotidiano em que vivemos há muito tempo. Estas revistas, levadas para a sala de aula, aumentam a motivação, bem como despertam o senso crítico e a curiosidade, além de trazer também a criatividade. Na maioria das vezes, os quadrinhos que são apresentados pelos educadores para os alunos já fazem parte do contexto de cada um, uma vez que os gibis são veículos de cultura de massa.

Este tipo de material traz a ligação entre o texto a imagem, facilitando assim o entendimento da história, e demonstrando como os personagens se comportam diante de cada situação. Sendo assim, podemos entender que as histórias em quadrinhos contêm alto nível de informação, possibilitando sua utilização em diversos contextos, áreas e faixas etárias, sendo consideradas um meio de comunicação com linguagem visual gráfica, além da escrita verbal.

Muitas vezes o encontro com histórias em quadrinhos é para o sujeito a entrada no mundo da leitura em si, despertando neste leitor a curiosidade sobre outros gêneros textuais, como destaca Vergueiro (2014, p. 23):

Hoje em dia sabe-se que, em geral, os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, de jornais e de livros. Assim, a ampliação da familiaridade com a leitura de histórias em quadrinhos, propiciada por sua aplicação em sala de aula, possibilita que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura, encontrando menor dificuldade para concentrar-se nas leituras com finalidade de estudo.

Com frequência, este tipo de recurso na alfabetização enriquece o vocabulário dos alunos, uma vez que as histórias em geral são escritas buscando fácil entendimento, com palavras do cotidiano.

O uso de atividades lúdicas e de materiais diversificados na alfabetização é recomendado pelo Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa (CARDOSO, 2015, p. 53). Nesse sentido, as histórias em quadrinho, com sua ênfase na diversão e na ludicidade, podem ter um papel importante no processo de aprendizagem das crianças. Também em outros

documentos orientadores do PNAIC encontram-se diversas referências à importância e ao lugar que as HQ já possuem hoje na sala de aula:

É verdade que boa parte das ideias descritas sobre o que é ler, o que se lê e para que se lê já se encontra presente na organização das atividades curriculares em muitas escolas, sendo já quase comum a presença, em salas de aula, tanto de portadores de textos mais diversificados, como livros de textos literários e informativos, revistas, histórias em quadrinhos e outros nos chamados “cantinhos de leitura”, assim como da leitura, por professores e crianças, de textos autênticos e mais diversificados no cotidiano (LOPES, 2015, p. 98).

E também:

Na escola, portanto, a presença dessas variedades [de gêneros textuais] sinaliza para as relações entre a esfera escolar e as esferas não escolares de interação. As receitas que circulam em revistas e na mídia televisiva, por exemplo, podem também ser lidas e discutidas na escola. Do mesmo modo, as biografias (comuns em sambas-enedos, filmes e museus) e as histórias em quadrinhos que circulam em bancas de jornal, supermercados e nas casas das crianças também são importantes gêneros a serem tratados na escola (LEAL; BUNZEN, 2015, p. 35).

As histórias em quadrinhos proporcionam também um leque de novidades aos leitores, trazendo temáticas diferentes, que podem ser tratadas em variadas ocasiões. Além disso, instigam a imaginação e o pensamento, como diz Vergueiro:

Dessa forma, os estudantes, pela leitura de quadrinhos, são constantemente instados a exercitar o seu pensamento, complementando em sua mente os momentos que não foram expressos graficamente, dessa forma desenvolvendo o pensar lógico. Além disso, as histórias em quadrinhos são especialmente úteis para exercícios de compreensão de leitura e como fontes para estimular os métodos de análise e síntese das mensagens (VERGUEIRO, 2014, p. 24).

As histórias em quadrinhos também podem estimular os diferentes tipos de inteligência das crianças, como mostrou uma pesquisa com 350 estudantes dos anos iniciais na rede pública do Rio Grande do Norte (AMARILHA, 2005). Para eles, a maior referência de leitura de HQ era a *Turma da Monica*. A pesquisa mostrou o quanto as HQ contribuem para o desenvolvimento da inteligência linguística, espacial e lógica-matemática:

A experiência dessa leitura, mediada por professores atentos, deverá propiciar o desenvolvimento de diferentes modalidades de inteligência, conforme demonstrado, e a educação de leitores mais hábeis nas linguagens contemporâneas e mais críticos sobre o mundo que se lhes oferecem." (AMARILHA, 2005).

Essas revistas são veiculadas no mundo inteiro, e geralmente apresentam temas de fácil compreensão a todos, trazendo então o enriquecimento de conhecimentos gerais e

específicos. A maioria delas podem ser utilizadas em qualquer momento ou nível, dentro e fora das salas de aula.

É importante destacar que a introdução das histórias em quadrinhos dentro da sala de aula foi lenta. Por muitos anos, esse tipo de revista era considerado inadequado para a educação. Neste sentido, Denise Pellegrini (2000, p.1) diz: “Houve tempo em que levar revista em quadrinhos para a classe valia repreensão e castigo, e o aluno ainda se arriscava a perder o gibi”. Porém, com as pesquisas realizadas sobre o tema, ficou aos poucos demonstrado seu benefício potencial em relação ao ensino. Também, como vimos a partir da abordagem dos Estudos Culturais, a barreira entre a educação e as experiências cotidianas das crianças com os produtos culturais foi sendo questionada, buscando-se um maior diálogo entre a escola e os contextos extraescolares.

Embora nosso foco aqui seja a alfabetização e o letramento, é preciso observar que a exploração das HQ na escola pode ser feita não somente com ênfase na escrita e na leitura, mas também como forma de abordagem de diversos temas, incluindo assuntos da atualidade.

O autor Waldomiro Vergueiro (2014) apresenta o quanto a utilização das Histórias em Quadrinhos em sala de aula pode ser ampla, e destaca a importância da participação do professor para sua adequação e objetivação no espaço escolar. É preciso então observar a temática, se está de acordo com o que é trabalhado na escola, bem como a objetivação de se trabalhar esse tema, proporcionando maior aprendizado e conhecimento para o aluno sobre as temáticas apresentadas, além de instigar a criatividade deles a partir das HQs.

Além disso, é possível se trabalhar a linguagem dos quadrinhos em sala de aula, levando em conta alguns personagens, que por sua vez falam de formas diferentes por serem de outros lugares, observando-se assim os registros da linguagem, formal, informal, culto. O desenvolvimento intelectual do aluno também é progressivo, uma vez que as HQs instigam a leitura, a interpretação de texto, tendo como base imagens que facilitam a compreensão das falas e cenas. Ainda, para o autor, os quadrinhos podem contribuir com maneiras significativas e dinâmicas de trabalhar pedagogicamente, instruindo os alunos sobre o prazer da leitura, bem como da escrita, a criação, a pesquisa, e a dramatização, uma vez que as histórias muitas vezes trazem cenas do cotidiano, que apontam problemas da sociedade, e apresentam temáticas de conscientização sobre o meio ambiente, a acessibilidade, a educação no trânsito, dentre outras.

As histórias em quadrinhos, ainda que indiretamente, fazem com que as crianças tenham acesso aos conteúdos éticos que ali são tratados, neste sentido:

Os espectadores deste tipo de mídia não são seres passivos e não penetráveis em relação aos conteúdos que são veiculados pela mesma. Ao contrário, os leitores de uma HQ absorvem, refletem, assimilam, mesmo que não intencionalmente, grande parte dos saberes que estas revistas trazem. Segundo Kindell (2004), muitas vezes o caráter lúdico e de divertimento dos desenhos animados, e aqui acrescento das HQs, permite que se criem padrões e estereótipos sem que assim se promova um, digamos assim, maior questionamento. Porém, ainda segundo a autora, é necessário que se compreenda que estes artefatos culturais carregam consigo certa “ingenuidade”, sendo que diversas aprendizagens se dão através do prazer, da brincadeira e da ludicidade, sem que haja grandes problematizações (LISBÔA, 2008, p. 82).

Desta forma, não basta apenas deixar as crianças em contato com as histórias, de início elas devem ser apresentadas. Pode ser dado um espaço para que cada criança discorra sobre a temática apresentada por meio dos gibis da *Turma da Mônica*, gerando assim uma discussão entre as crianças sobre os temas de grande repercussão, sempre com a mediação do professor, especialmente no sentido apontado acima, de evitar a consolidação sem questionamento de estereótipos.

Este tipo de recurso, os gibis da *Turma da Mônica*, pode ser utilizado por ser um material de fácil acesso e que possui uma linguagem e temáticas atraentes para as crianças. Além disso, segundo Oliveira (2007), este tipo de material tem como objetivo despertar a criatividade, instigar a imaginação, estimular o senso crítico, além de propiciar a sensibilidade e a sociabilidade. Antes de apresentar os HQs para os alunos, é interessante que seja feita uma prévia seleção quanto aos assuntos que serão abordados:

[...] sua aplicação como recurso pedagógico, não existem regras para a sua utilização no âmbito educativo, mas é preciso ter um pouco de conhecimento e criatividade por parte do professor para uma melhor aplicação deste instrumento educativo na sala de aula, sem falar que a seleção do material é de inteira responsabilidade sua. O docente deve ter um planejamento, conhecimento e desenvolvimento de seu trabalho nas atividades que utilizarem as histórias em quadrinhos, independente da disciplina ministrada, e buscar estabelecer objetivos que sejam adequados às necessidades e as características do corpo discente da sala de aula, visto que isto é fundamental para a capacidade de compreensão dos alunos e de conhecimento do conteúdo aplicado [...] (ARAÚJO, COSTA e COSTA, 2008, P. 33).

Portanto, é possível a utilização dos gibis da *Turma da Mônica* como recurso em sala de aula, desde que previamente selecionados pelo docente de forma a que contribuam positivamente para o ensino dentro de cada contexto. Devemos levar em consideração, também, que não existem regras fechadas para o uso destes em sala de aula, e que o modo de usá-los depende da criatividade e dos objetivos pedagógicos de cada professor.

4 OS GIBIS DA *TURMA DA MÔNICA* COMO APOIO PARA O LETRAMENTO E A ALFABETIZAÇÃO

Este capítulo abordará a importância e o potencial dos gibis da *Turma da Mônica* como material de apoio para as crianças na alfabetização e no letramento.

4.1 A ESCOLHA DOS GIBIS DA *TURMA DA MÔNICA*

O processo para escolha do tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso, como já relatei, iniciou com o interesse de trabalhar com algum personagem de desenho animado, levando em consideração a importância que eles têm para as crianças.

Procurando delimitar o foco da pesquisa, pensei então em estudar a influência dos personagens dos desenhos para o desenvolvimento infantil, especificamente para a área de alfabetização e letramento.

A escolha de trabalhar com gibis da *Turma da Mônica* aconteceu a partir de minha experiência dos estágios obrigatórios no Curso de Pedagogia. Tanto as crianças da Educação Infantil, quanto às do Ensino Fundamental, Anos Iniciais, demonstraram muito interesse nessas revistinhas. Quando lhes era proposto um momento de leitura, a grande maioria se identificava com os gibis, em especial com os da *Turma da Mônica*. Em um desses momentos, observamos que, além de as crianças se envolverem individualmente com as histórias, também interagem e as mostram para os colegas. Isto foi registrado no relatório que escrevi com minha colega de dupla: “As crianças lancharam e depois foram observar gibis da Turma da Mônica no tapete. Bento disse para Thiago, Davi e Lucas que adora as caretas dos bonecos de gibis” (GUAREZI; DA SILVA, 2015, p. 13).

Outro fator que influenciou na escolha do tema foi o fato de as histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, do autor Mauricio de Souza, serem brasileiras, ou seja, de produção e criação total no Brasil, além de apresentarem personagens bem brasileiros, e abordarem temas de todas as áreas, incluindo atualidades. Outro fator importante é a popularidade do universo da *Turma da Mônica*, já que as revistinhas são consideradas uma das coleções com maior tiragem e interesse do público leitor brasileiro. De acordo com a repórter Paiva (2010), que fez uma matéria sobre a *Turma da Mônica*:

Atualmente, a Panini publica cerca de 50 títulos com os personagens da Turma da Mônica, atingindo uma produção média de 2,2 milhões de exemplares por mês, e participação de mais de 80% do mercado de quadrinhos infantis. “São números

excepcionais após vários anos de estagnação do segmento”, comenta Martins. “Atingiremos em 2010 a marca de 27 milhões de exemplares produzidos com destaque especial para assinaturas que representa mais de 1/3 desse volume” (dados de faturamento da filial brasileira não são divulgados por política da empresa; a única informação disponível é que o Grupo faturou em 2009, em euros, 620 milhões).

Outra razão para a escolha da Turma da Monica foi o seu direcionamento ao público infantil, com preocupações de certa forma educativas, como diz Vanessa Machado (2011):

As histórias em quadrinhos da Turma da Mônica apresentam temáticas que enfatizam a idéia de viver em grupo, junto aos amigos, em família. Outro diferencial, é que as HQs da Mônica comprometem-se com exemplos de vida e de educação, divertindo e ensinando, desde quando surgiram [em jornais] no ano de 1959. (MACHADO, 2011, p. 1).

Como dissemos anteriormente, a publicação das revistas iniciou na década de 70, e a primeira edição da revista centrada na personagem Mônica teve seu lançamento inicial com venda de 200 mil exemplares, tendo sido mais tarde criados outros personagens, muitos deles com suas próprias revistas. Além disso, o autor ficou conhecido não só nacionalmente, mas também no exterior, com as revistinhas da *Turma da Mônica* (LISBOA, 2008).

Figura 8 - Primeiro gibi da *Turma da Mônica*, na época, *Mônica e sua turma*



Fonte: Editora Abril.

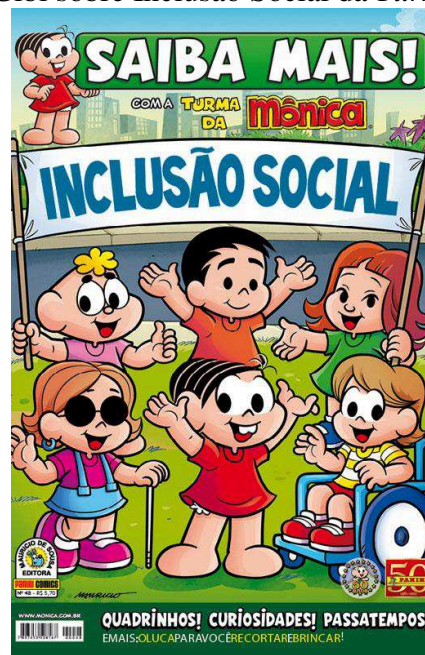
No processo desta pesquisa, houve o acesso ao site da *Turma da Mônica* (<http://www.turmadamonica.com.br>), onde é possível baixar diversas histórias para trabalhar com as crianças. Entre elas algumas possuem temáticas que devem ser abordadas com muito cuidado, mas que não podem deixar de ser tratadas com as crianças, como inclusão social, alimentação saudável, trabalho infantil, educação no trânsito, saúde e meio ambiente. Podemos ver a seguir alguns exemplos dessa abordagem a temáticas de cunho educativo em sentido amplo, feitas nesse contexto.

Figura 9 - Personagens sobre Inclusão Social



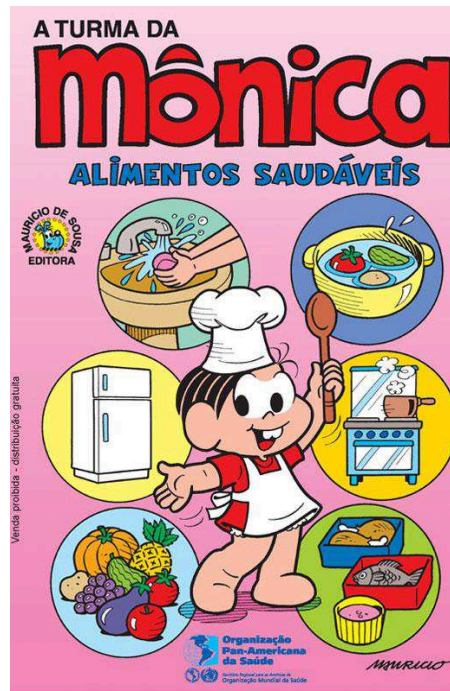
Fonte: Hamilton Oliveira (disponível em <http://www.casadaptada.com.br/2016/04/gibis-ensinam-como-lidar-com-as-diferencas/>)

Figura 10 - Gibi sobre Inclusão Social da Turma da Mônica



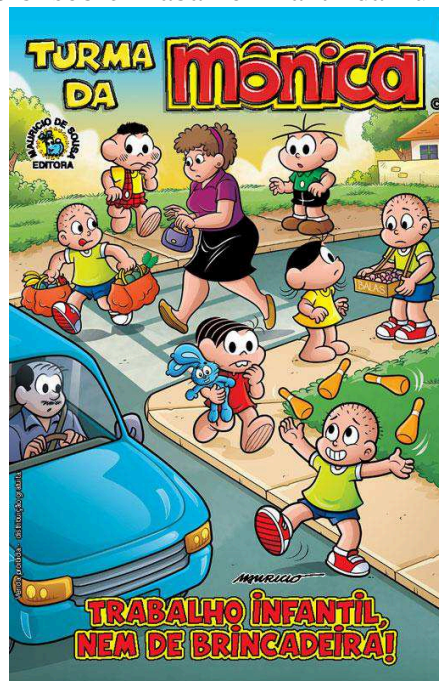
Fonte: www.turmadamonica.com.br

Figura 11 - Gibi sobre Alimentos Saudáveis da Turma da Mônica



Fonte: www.turmadamonica.com.br

Figura 12 - Gibi sobre Trabalho Infantil da Turma da Mônica



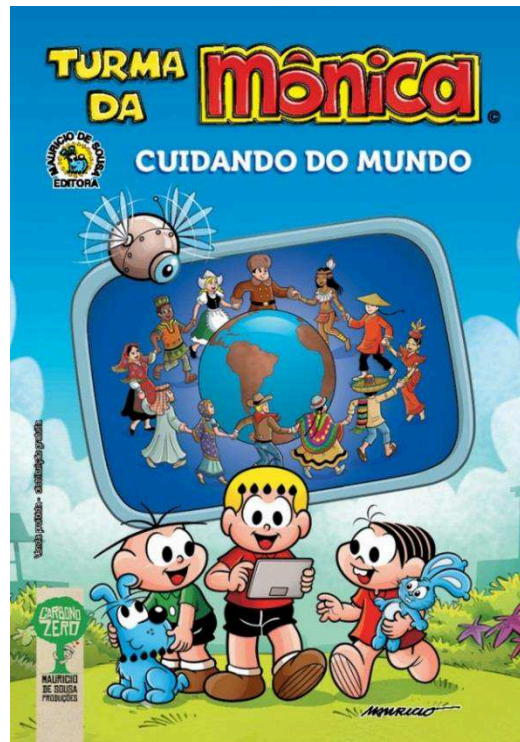
Fonte: www.turmadamonica.com.br

Figura 13 - Gibi sobre Educação no Trânsito da Turma da Mônica



Fonte: www.turmadamonica.com.br

Figura 14 - Gibi sobre Meio Ambiente da Turma da Mônica



Fonte: www.turmadamonica.com.br

Figura 15 - Gibis sobre Saúde da Turma da Mônica



Fonte: www.turmadamonica.com.br

Como aponta o próprio Maurício de Sousa, criador, autor e supervisor das HQs da Turma da Mônica, em uma entrevista:

A gente trabalha com milhões de pessoas e milhões de crianças, então temos que contar as histórias muito direitinho, muito certinho, com carinho e, de preferência, botando no meio do lazer algum tipo de mensagem. E logicamente, nos dias de hoje, nós temos que falar da necessidade de cuidar do meio ambiente (SOUSA, 2003).

Portanto, as revistas de Maurício de Sousa – material analisado neste estudo – trazem, além dos diversos temas ligados ao cotidiano das crianças, uma considerável contribuição, como ponto de partida, para abordar assuntos da atualidade.

4.2 SUBSÍDIOS E REFERÊNCIAS PARA O TRABALHO COM OS GIBIS DA *TURMA DA MÔNICA* NA ALFABETIZAÇÃO E NO LETRAMENTO

Vou sintetizar a seguir alguns trabalhos acadêmicos que demonstram a utilização de atividades realizadas em sala de aula com o uso dos gibis da *Turma da Mônica* como forma de apoio ao ensino e à aprendizagem dos alunos.

4.2.1 Na Escola com as histórias em quadrinhos: dois meses com a *Turma da Mônica*

O primeiro trabalho analisado será o de Cleoni Fanelli Inácio (2003, p.101), que é professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Lizete Paulino Teixeira, em São Paulo. Segundo ela, o uso dos quadrinhos da *Turma da Mônica* em sala de aula é um pretexto para desenvolver a leitura, a escrita e as habilidades comunicativas, além de poder mudar o quadro de desinteresse pela leitura:

Motivada pela vontade de reverter o quadro de desinteresse e total falta de motivação dos meus alunos pela leitura e escrita, resolvi trabalhar com histórias em quadrinhos por perceber que eram elas do agrado da maioria das crianças (INÁCIO, 2003, p. 101).

Partindo desses pressupostos, foram propostas aos alunos algumas atividades que serão destacadas com mais detalhe a seguir, uma vez que essa professora nos apresenta a possibilidade de trabalho com os gibis da *Turma da Mônica* em sala de aula, destacando o quanto eles contribuem para o aprendizado das crianças.

Diante da desmotivação das crianças em relação à leitura, a professora desenvolveu, primeiramente, o cantinho da leitura. Este consistia num “horário reservado diariamente e durante o qual as crianças se dedicaram à leitura de gibis em rodinhas formadas ao ar livre no pátio da nossa escola” (INÁCIO, 2003, p.101).

Outra possibilidade da utilização dos gibis sugerida às crianças pela professora foi a realização de pesquisas sobre o autor Maurício de Sousa, para saber mais sobre sua vida, sua obra, suas criações. Essa pesquisa se deu a partir de materiais pré-selecionados pela professora, e de alguns outros trazidos pelas próprias crianças.

Após a pesquisa sobre a vida do criador da *Turma da Mônica*, foi realizada uma terceira atividade. Esta se deu através da elaboração de um painel com todas as informações levantadas sobre o autor. Isto proporcionou uma reflexão das crianças quanto às possibilidades de desenvolvimento na área profissional, elas viram tudo sobre o Maurício, e perceberam que também poderiam seguir este caminho.

A quarta atividade foi assistir a curtas metragens da *Turma da Mônica*, a fim de que depois se fizesse uma roda de discussões para perceber as características de cada personagem, bem como comparar os desenhos animados com as histórias em quadrinhos. Como relatou a professora:

A fim de conhecerem melhor os personagens e o trabalho do autor, assistiram a uma sequência de curtas metragens dos desenhos animados Turma da Mônica, no vídeo da escola. Posteriormente foi formado um círculo de discussão, onde pudemos analisar as características físicas e psicológicas de cada personagem (Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali...) baseados no filme e nas várias historinhas lidas (INÁCIO, 2003, p. 101).

Em seguida, todas as crianças receberam uma folha de papel, onde registraram as características dos personagens, etapa que foi realizada com a técnica de colagem, como relata a autora: “Colando a gravura das embalagens vazias de salgadinhos da Turma da Mônica, recolhidas no pátio da escola, durante os recreios” (INÁCIO, 2003, p.101).

Para dar continuidade ao trabalho com as histórias em quadrinhos (HQs), as crianças selecionaram diferentes tipos de balões que encontraram nas revistinhas; depois de uma análise, houve a discussão sobre as suas diferentes funções e significados específicos. Diante disso, a professora distribuiu novas histórias sem os balões, pedindo que as crianças fizessem suas criações em dupla: “Foi dada uma história para cada dupla, a partir da qual elas deveriam criar outros balões dentro do contexto, com a maior variedade possível, colocando em prática o que viram na atividade anterior” (INÁCIO, 2003, p.102).

Além dessas, diversas outras atividades foram realizadas, procurando valorizar a importância das imagens. Por exemplo, foram analisados a expressão de cada personagem, aspectos do cenário, e as crianças foram percebendo a importância de cada detalhe desses. Em seguida, elas criaram um texto narrativo diante de HQs sem balões, apenas com expressões dos personagens.

Logo depois, as crianças receberam uma folha com uma parte da história pronta, à qual deveriam dar continuidade. Em seguida, elas “puderam comparar o texto original numa atividade que exercita a criatividade, a escrita e a leitura de forma dinâmica, prazerosa e divertida” (INÁCIO, 2003, p.102).

Foi então partindo destas criações que as crianças se tornaram autoras das histórias, e a narrativa criada por elas foi lida pelos colegas, uma vez que todas as histórias foram afixadas no mural.

Dessa forma, como explica a professora, tendo contato com as obras de Maurício de Sousa, e com a própria vida dele, por meio da pesquisa realizada, as crianças escreveram uma carta para o autor, em que apresentavam as atividades que desenvolveram a partir da leitura das HQs, deram suas opiniões, e enviaram via correio. Depois, elas receberam uma resposta da equipe de Maurício de Sousa, o que trouxe entusiasmo para a turma.

Outra atividade desenvolvida pela professora Cleoni Inácio foi a análise de falas, mais precisamente as do personagem Chico Bento, em comparação com a fala do jornalista William Bonner, âncora e diretor do Jornal Nacional da Rede Globo:

As questões diziam respeito a: Por que ele [Chico Bento] fala assim? Por que a fala dele é diferente? Quem fala assim? Como se fala em nosso meio? Depois, mostramos para as crianças uma entrevista, feita pelo apresentador Faustão, com o jornalista William Bonner. As mesmas perguntas foram feitas em relação aos modos de falar do jornalista. As respostas obtidas ilustraram a reflexão sobre as diferentes formas de se falar. O nível popular e o outro mais próximo do formar, no caso a fala do jornalista entrevistado (INÁCIO, 2003, p. 102).

Além disso, as crianças ainda foram apresentadas a exemplos de falas de cariocas, gaúchos, cearenses, baianos, para que fosse percebida a grande variação linguística. Foi realizado um debate para entender as chamadas formas coloquiais e cultas da linguagem, suas aplicabilidades, as situações em que são utilizadas. Desta forma, foi possível perceber o papel destas diferentes formas de linguagens. Foi deixado claro aos alunos que não se trata de formas corretas ou incorretas, mas sim de sua adequação aos contextos em que devem ser ou não utilizadas.

Em outro desafio a partir da fala do personagem Chico Bento, as crianças tiveram que reescrever estas falas do personagem, que estavam na forma coloquial, em uma linguagem mais próxima da forma culta, transformando o texto dos balões para conseguirem realizar esta mudança.

Os textos trabalhados em sala tratavam de diferentes temas, tais como ética, saúde, educação ambiental. Assim, contribuía para as crianças discutissem sobre estes assuntos que são transversais no currículo

Numa outra atividade, a turma construiu bonecos de jornal, confeccionados através da técnica do papel *machê*, e em seguida a classe foi dividida em pequenos grupos, cada um com sua função: figurino, cenário, sonoplastia. Após, eles realizaram uma apresentação para os alunos de outras salas da escola. Esta atividade foi muito elaborada, contou com bastante envolvimento e participação de todos, e, além disso, tudo foi gravado pela escola, mostrando a valorização dada ao trabalho da turma.

Além destas atividades com as HQs, os alunos trabalharam também com as estruturas jornalísticas, pois tiveram que preparar uma notícia de jornal, que foi afixada no mural da escola, convidando a todos para assistirem a apresentação de teatro.

Para finalizar os dois meses de trabalho com as HQs da *Turma da Mônica*, as crianças saíram às ruas com o intuito de realizar uma pesquisa de opinião sobre o que as pessoas achavam sobre as histórias em quadrinhos.

E no final, tudo foi compactado em um único trabalho, onde os alunos relataram por escrito como foi todo o projeto, sua dinâmica, a importância da leitura que puderam descobrir, o envolvimento de todos com o projeto.

Como a professora relata (2003, p. 104), os gibis podem ser explorados de forma significativa e dinâmica:

Através deles as crianças leem, escrevem, criam, pesquisam, dramatizam, entrevistam. Sem ao menos se darem conta, do ponto de vista pedagógico, de tudo o que estão fazendo, uma vez que, para elas, o que importa é o momento, a significação daquilo que fazem e o prazer com que fazem, vendo resultados, respostas para suas ações. É assim que eu, como educadora, entendo a arte de interagir com a educação, no papel de guia e conselheira no processo de aprendizagem desenvolvido pelos alunos.

Importante ressaltar que foi um trabalho de grande importância, este realizado pela professora Cleoni Fanelli Inácio, pois explorou os gibis da *Turma da Mônica* por vários métodos.

4.2.2 A *Turma da Mônica* como apoio ao ensino de Língua Portuguesa, Geografia e História

O segundo trabalho a ser analisado será o de Sônia Tanino, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina.

O trabalho de conclusão de curso de Pedagogia de Sônia Tanino (2011) traz outras possibilidades de utilização das HQs em sala de aula, a autora também fez um levantamento bibliográfico sobre esta possibilidade e, portanto indica algumas possibilidades de utilização, porém sem citar as classes em que foram abordadas, destacando as aulas de Língua Portuguesa. A autora diz que as histórias possibilitam “trabalhar a adequação/inadequação da gramática normativa, instigando o aluno a analisar os diálogos, percebendo se está adequada ou inadequada a escrita naquele contexto.” (VERGUEIRO, TANINO, 2011, p.25).

A autora também traz a importância das HQ no contexto da Geografia, onde se pode sugerir às crianças não só ver as paisagens e cenários, mas também realizar a leitura de mapas, símbolos, legendas que fazem parte das histórias.

Sônia Tanino traz em seu trabalho um exemplo de utilização das HQs realizado no Paraná. Nele, a professora Marjory Cristiane Palhares utiliza HQs do Maurício de Sousa, com Piteco, personagem inspirado nos homens das cavernas, e Papa Capim, personagem inspirado nas crianças da Amazônia, para o ensino de conteúdos de História. Os estudantes leram histórias com referência aos períodos pré-históricos, bem como realizaram produção textual. A professora avaliou que obteve um resultado satisfatório, já que os alunos conseguiram associar os conteúdos trabalhados em sala com os personagens apresentados por ela (TANINO, 2011).

A autora concluiu que “trabalhar este material em sala de aula pode explorar a leitura, a escrita e a pesquisa. Exercitando a criatividade de forma prazerosa e divertida. Neste sentido as pesquisas em torno do assunto estão cada vez mostrando os benefícios das HQs” (TANINO, 2011, p.31.)

4.2.3 As aulas que estão no Gibi: outras estratégias de alfabetização e letramento

Outro trabalho a ser analisado é uma experiência de utilização das HQs em sala de aula que foi realizada pela professora Cynthia Nagy, de São Paulo, junto a seus alunos de pré-escola nas aulas de Português e Educação Artística. Este trabalho, assim como os demais citados neste item, são apresentados em uma reportagem de Denise Pellegrini na Revista *Nova Escola*, sobre as possibilidades do uso dos gibis na escola (Pellegrini, 2010).

De acordo com a professora Nagy (*apud* PELLEGRINI, 2010, p.1): “As revistas têm a particularidade de unir duas formas de expressão cultural: a literatura e as artes plásticas”. A professora Cynthia Nagy primeiramente deixou os materiais disponíveis em sala, então quem sabia ler fazia a leitura para os colegas que não sabiam.

Em seguida, a professora disponibilizou papel vegetal às crianças, que faziam um desenho sobre as histórias em quadrinhos, aproveitando a transparência do papel, e mudavam os contextos, em uma atividade que, assim, trouxe, além da linguagem verbal, as diferentes formas de se trabalhar as imagens em quadrinhos, lembrando que a técnica do papel vegetal foi utilizada pelos primeiros desenhistas no Brasil.

Esta atividade favoreceu também a escrita e a criatividade de cada um, fazendo com que a criança pudesse conhecer bem o gênero de linguagem com que estava trabalhando. Para

realizar este projeto, a professora instruía os alunos a recortarem das revistas da *Turma da Mônica*, com frequência, tirinhas que lhes chamavam a atenção. Estas eram afixadas em um cartaz, e depois divididas com os demais, para que analisassem contexto e linguagem. Esse compartilhamento proporcionou maior aprendizagem, uma vez que o que é importante para uma criança pode não ser importante para outra.

Outro aspecto destacado pela professora foi o uso das onomatopeias, muito presentes nas HQs, que tratam de representar os sons de uma cena através de palavras escritas, com forte apelo visual. Este projeto foi realizado com o objetivo de identificar também os diferentes tipos de texto, entre os quadrinhos. De acordo com a professora Cynthia, o item mais investigado foram os balões, levando em conta o formato dos mesmos, analisando quando se tratava de fala, de pensamento, de sonho, de grito, de cochicho e de uníssono. Assim, as crianças puderam perceber as diferenças entre eles e as socializaram com os colegas, ampliando o conhecimento de todos.

Ainda sobre o projeto realizado, a professora Cynthia destaca: “Ao trabalhar com revistas na sala de aula deixe claro para seus alunos o seguinte: não é necessário fazer desenhos e textos maravilhosos” (PELLEGRINI, 2010, p.3).

A consultora de Português Maria José Nóbrega, que é uma das pessoas que fez a elaboração dos PCN's das séries de 5ª à 8ª, citada no texto de Denise Pellegrini (2010, p.2), diz que existem várias vantagens de se trabalhar as revistas em quadrinhos, especificamente as da *Turma da Mônica*, na área da alfabetização, uma vez que elas representam uma possibilidade de que as turmas recém alfabetizadas tenham acesso a textos só com letras maiúsculas, permitindo assim uma maior autonomia da leitura.

Para dar continuidade ao trabalho, a professora Cynthia fez com que os alunos escolhessem os principais personagens da *Turma da Mônica*, e os desenhassem de frente, de costas, e de perfil, para depois darem ideia de movimento às figuras, sugerindo o andar, o correr e o pular (PELLEGRINI, 2010, p. 3).

Seguindo assim o projeto, a professora trazia as histórias em quadrinhos sem balões para estimular a criatividade dos alunos com a escrita. Outra atividade proposta foi recortar os quadrinhos, separando-os, e fazer com que eles fossem colocados em ordem pelas crianças. E a professora finalizou as atividades, depois de muito contato das crianças com as histórias em quadrinhos, distribuindo uma folha com quatro quadrinhos em branco, onde as crianças tinham como tarefa criarem sua própria história, seu próprio desenho, e sua própria narrativa. Para encerrar o projeto, cada criança falou sobre a experiência, bem como apresentou sua criação de história para a turma. A coordenadora pedagógica da escola avaliou que o projeto

foi um sucesso, uma vez que teve grande influência na alfabetização da turma, visto que apenas duas crianças não estavam alfabetizadas no fim do ano (PELLEGRINI, 2000, p.4).

Outro projeto mencionado na reportagem é o da professora Silvana Vívolo, do Colégio Montessori Santa Terezinha em São Paulo, com uma turma de 5ª série. Ela percebeu que, ao fim das atividades que ela propunha, a grande maioria das crianças pedia espontaneamente para ler seus gibis, que eram frequentemente os da *Turma da Mônica*, que retiravam das suas mochilas, sempre muito entusiasmados. A professora então aproveitou a vontade das crianças de ler quadrinhos e realizou um trabalho nas aulas de Português e Literatura. Pediu aos alunos que lessem o livro "Cuidado: Garoto Apaixonado", do autor Toni Brandão, e em seguida a narrativa foi escrita pelos alunos em forma de quadrinhos. Antes de realizarem esta atividade, a professora proporcionou a eles assistirem uma peça de teatro sobre o livro. De acordo com Waldomiro Vergueiro (*apud* PELLEGRINI, 2000, p. 4) “eles percebem que uma mesma mensagem pode ser transmitida de diferentes maneiras e que não há uma mais nobre que a outra.”.

Outro projeto que contribui para instigar a criatividade na utilização dos gibis, também citado por Pellegrini, é realizado por Marcelo Campos, profissional que atua no estúdio paulista *Fábrica de Quadrinhos*. Ele propõe para as crianças que elas criem os personagens e que depois inventem histórias coletivamente, a partir dos personagens que criaram. Em seguida elas apresentam as histórias para o grupo, em um projeto bem interessante para realização nas escolas.

4.2.4 Os Gibis como estímulo ao gosto das crianças pela leitura

"Gibis estimulam a turma a tomar gosto pela leitura". Este é o título de uma reportagem publicada na revista *Nova Escola* por Adriana Toledo (TOLEDO, 2007), onde ela relata os exercícios que foram realizados com crianças pelo professor de Educação Infantil Marcelo Campos Pereira, no interior de São Paulo, por meio da utilização das HQs. Inicialmente as crianças foram perguntadas sobre quais eram as histórias em quadrinhos e personagens que mais conheciam, e a escolha da grande maioria foi a *Turma da Mônica*. Isto fez com que os alunos da escola, juntamente com o professor, montassem uma gibiteca, também com ajuda da própria comunidade. O objetivo da organização da gibiteca era disseminar o prazer pela leitura. Essa proposta trouxe também a visita da turma a outras unidades educacionais do bairro, onde as crianças apresentavam os personagens para os outros alunos e contavam as histórias, instigando assim a leitura entre crianças de todas as

idades. Este projeto teve um grande sucesso entre as crianças: “Todos se tornaram loucos por gibis, procurando-os espontaneamente. E tudo isso antes mesmo de estarem alfabetizados.” (TOLEDO, 2007, p. 2).

Na mesma reportagem é disponibilizada uma sugestão de sequência didática para o uso das histórias em quadrinhos, elaborada com a consultoria do professor Marcelo Campos Pereira. Ela inicia com a indicação de leitura e manuseio de histórias em quadrinhos, a valorização da leitura como fonte de prazer e cultura na escola e na comunidade, o envolvimento de crianças, pais e comunidade de leitura, valorizando assim a gibiteca criada pelos alunos. O objetivo, além de formar leitores competentes, é o de estimular nas crianças o prazer de ler mesmo antes da alfabetização, e aproximar a escola e a comunidade por meio da leitura, o que é muito importante para que o estímulo à leitura não ocorra somente dentro da escola, e que o aprendizado continue fora da sala de aula. Na primeira etapa dessa sequência didática, recomenda-se que a professora reúna as crianças, e pergunte quais os personagens que elas conhecem, discuta as características de cada um e apresente o que não for falado pelas crianças, sobre comportamento e até mesmo características físicas deles. Depois é encaminhado para casa um bilhete aos responsáveis, falando da importância do projeto e convidando a família a participar. Essa participação dos familiares pode se dar doando gibis, ou se disponibilizando a estar na escola no horário do projeto, propiciando um momento de leitura com as crianças. Depois de recolher as doações, é preciso organizar os títulos de forma que fique boa para a procura, e teremos por fim a gibiteca. Para formar uma espécie de biblioteca, é interessante fazer carteirinhas de empréstimos, tendo as crianças como sócios, podendo-se também colocar nelas uma foto de cada participante da gibiteca. Em seguida, é preciso explicar sobre o manuseio dos materiais, a limpeza, o cuidado para não amassar e nem rasgar as revistinhas. Sendo assim, é possível dar continuidade ao projeto, alertando sobre a responsabilidade de devolução dos gibis, uma vez que outros colegas pegarão o mesmo almanaque.

A segunda etapa da sequência didática utiliza transparências: o docente pode apresentar as histórias com ajuda de um retroprojetor. Para essa etapa pode-se encontrar uma forma de cobrir os quadrinhos, para que seja possível apresentá-los um a um, permitindo fazer uma leitura e observação minuciosa dos personagens, das falas, dos balões e dos detalhes das cenas. É possível a partir disso instigar a criatividade e imaginação das crianças, que poderão se perguntar: o que será que vem no próximo quadrinho? Para finalizar, o professor pode ler a história completa, para que as crianças entendam todo o seu contexto.

A terceira etapa é a leitura compartilhada, na qual o professor distribui exemplares do mesmo gibi para que a turma inteira possa acompanhar uma história. Esta etapa pode ser realizada de forma individual, em duplas, trios, ou grupos, dependendo do número de exemplares disponíveis. Depois pode-se escolher uma das histórias junto com os alunos, e recortar os quadrinhos, em seguida embaralhá-los e pedir para que cada criança remonte a ordem correta da história. Depois outras histórias podem ser xerocadas e recortadas, e em grupos os estudantes têm o trabalho de reorganizá-las, formando um contexto, percebendo assim quantas possibilidades poderiam se formar com os quadrinhos de determinadas histórias.

Para finalizar a sequência didática, é possível repetir os momentos de leitura em outro momento da semana, fazendo com que a atividade seja permanente durante todo o ano, para que se instigue ainda mais o prazer da leitura. Também pode-se proporcionar esses momentos fora de sala, no parque, nos corredores, espalhá-los pela escola e até montar um espaço com colchonetes e pufes, para deixar as crianças bem à vontade.

O psicólogo José Moysés Alves, da Universidade Federal do Pará, na mesma reportagem, explica o quanto é bom utilizar as histórias em quadrinhos para incentivar a leitura das crianças que estão entrando no mundo letrado, levando também em consideração os personagens que chamam a atenção das crianças. Segundo Alves (*apud* TOLEDO, 2007, p.1),

Eles [os personagens] despertam interesse por serem parecidos. Afinal estão presentes em brinquedos, jogos, embalagens, peças de teatro e desenhos na televisão. Sem contar que os protagonistas passam por situações parecidas com as de seus leitores: vão à escola e ao parque, têm pesadelos e medo de dentista. Isso promove a identidade e a familiaridade entre eles.

4.2.5 Incentivo à leitura e à escrita na pré-escola

Outra experiência é a da professora Zenilda Ângela Dalmenda Teles, também do interior de São Paulo, na cidade de São José dos Campos (FERREIRA, 2015), que usa as revistas da *Turma da Mônica* também como forma de incentivar a alfabetização, uma vez que trabalha com crianças da pré-escola. A utilização dos gibis iniciou com a proposta da professora de que as crianças lessem os gibis, mas não havia exemplares em sala de aula. Foi nesse momento que algumas crianças disseram que tinham alguns em casa, a professora então ditou um bilhete e eles escreveram nas agendas para que os pais enviassem à escola os gibis que pudessem disponibilizar.

Uma das atividades propostas por ela, após leituras e contato das crianças com os gibis, foi a identificação dos personagens por aquelas que estavam na alfabetização: a professora apresentava o nome dos personagens e as crianças teriam que falar qual era o personagem indicado. Os alunos começaram a identificação com a personagem Magali. Levando em consideração que as crianças ainda não sabiam ler, e estavam iniciando a identificação das palavras, a professora mostrou a elas o nome da personagem “MAGALP”. Como as crianças reconheciam as vogais e os sons com maior facilidade, uma delas falou: “Esse é Magali, porque termina com a letra I”. E assim a professora foi apresentando todos os outros personagens da Turma da Mônica. A partir daí elas tiveram o contato com os nomes e foram entrando no contexto das letras e da formação dos nomes próprios. É importante então que as crianças “tenham acesso a uma diversidade de materiais escritos, ouçam a leitura de diferentes gêneros textuais, tenham a oportunidade de escrever segundo as suas ideias, interpretem o escrito por meio do contexto e produzam textos ditados ao docente” (FERREIRA, 2015, p. 2).

4.2.6 Aquisição da leitura e da escrita a partir dos personagens da *Turma da Mônica*

Para finalizar, trago um artigo de uma professora de 1º Ano, Izabel Cristina Mendel Souza, que apresenta outras possibilidades de uso da *Turma da Mônica* para alfabetização e letramento (SOUZA, 2009). A autora relata um projeto que foi realizado em uma escola de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, com o intuito de refletir sobre o interesse/desinteresse de 22 alunos de uma turma de 1º ano do 1º ciclo. Este trabalho teve como partida a necessidade de “rompermos com o tradicionalismo massacrante” (idem, p. 4), como ressalta a professora, propondo uma prática que ensine e alfabetize brincando.

No início do projeto foi disponibilizado aos alunos um espaço para cantinho da leitura em sala de aula, onde havia duas caixas com materiais de diferentes gêneros textuais, uma delas destinada somente aos gibis da *Turma da Mônica*. Todos os dias ocorria a leitura de algum gênero textual, incluindo as histórias em quadrinhos. E semanalmente a turma era levada para uma sala de vídeo, onde eram explorados desenhos animados, também da *Turma da Mônica*, que vinham despertando cada vez mais interesse e gosto pelos personagens. Em seguida os alunos eram convidados a desenhar os personagens preferidos, bem como a montar suas próprias histórias orais a partir dos desenhos assistidos.

Para dar continuidade ao projeto, a professora Izabel propôs uma atividade de poesia com o “Alfabeto da Turma da Mônica” (ver figura abaixo). Os alunos sempre ficavam na

espera para saber qual seria a letra do dia e o personagem da semana, dentre outras atividades que eram realizadas a partir da poesia, como destaca a autora:

Os alunos chegam sempre curiosos para saberem qual será o personagem da semana. São, então, instigados e há interesse na leitura do mesmo. Após a leitura, são realizadas competições de caça-palavras na poesia, em que são selecionados pares de alunos para acharem no cartaz a palavra ditada. Ou, ainda, competições de pesquisa de nomes de personagens em revistinhas em quadrinhos (SOUZA, 2009, p. 5).

Figura 16 – Alfabeto da Turma da Mônica

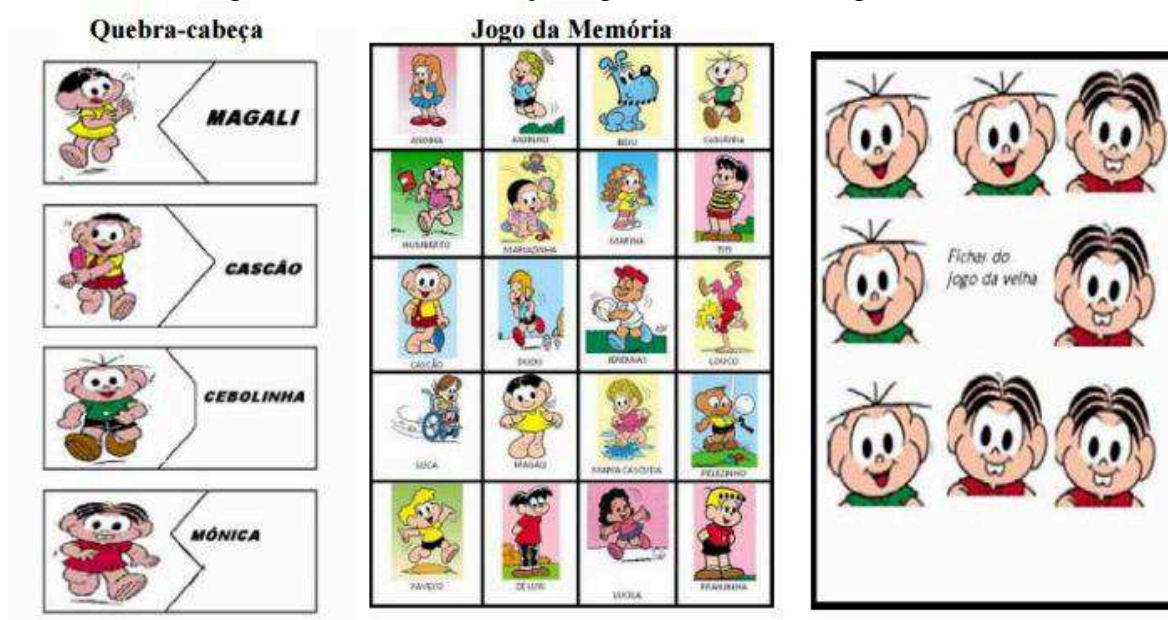


Alfabeto Poesia da Turma da Mônica

Fonte: Izabel Cristina Mendel Souza <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE_1914.pdf>

Em seguida, a professora trabalhava com jogos pedagógicos, o jogo da memória, o jogo da velha, o quebra-cabeça, todos da *Turma da Mônica*, além de elaborar jogos para instigar a escrita do nome dos personagens. A partir desses jogos, foram desenvolvidos um caça-palavras e uma cruzadinha gigantes, que foram fixados no quadro, e que desafiavam os alunos a pensar coletivamente para achar a solução das atividades. A professora Izabel (SOUZA, 2009) conta que o entusiasmo era tanto, que ao fim da aula as crianças pediam mais atividades, e eram realizadas, competições de forca e bingos, todos relacionados a personagens da *Turma da Mônica*, ou a nomes dos alunos.

Figura 17 – Quebra Cabeça, Jogo da Memória e Jogo da Velha



Jogos Pedagógicos

Fonte: Izabel Cristina Mendel Souza <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE_1914.pdf>

O espaço de sala de aula também era enriquecido com cartazes² (ver figura abaixo), levando em consideração as regras de socialização, bem como cenas de personagens que tinham relação com a socialização. Além disso, algumas historinhas eram ampliadas e coladas na parede para que os alunos lessem e criassem suas histórias orais, a partir das figuras.

² A linguagem dos cartazes segue de acordo com o trabalho da professora Izabel Cristina Mendel Souza, porém poderíamos problematizar a "infantilização" que ocorre no texto dos cartazes. Portanto, o ideal para estes combinados é realizá-los de uma forma conjunta entre crianças e docentes, trazendo assim também a opinião dos alunos, bem como a mediação do professor.

Figura 18 – Cartazes sobre Comportamento



Cartazes de Regras

Fonte: Izabel Cristina Mendel Souza <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE_1914.pdf>

A professora então teve a ideia de dividir o projeto em subtemas, levando em consideração as inúmeras práticas de uso social da língua e temas transversais. O primeiro deles foi “O Aniversário da Magali” no qual os alunos elaboraram juntos a lista de convidados, o próprio convite, a lista de comidas, além de receitas de bolo e cartão para a aniversariante. Por conta deste subtema, alguns responsáveis vieram até a escola para entender o que seria essa festa, e se prontificaram a ajudar com as comidas. No dia da festa, as crianças receberam uma carta da personagem Magali (elaborada pelas professoras) informando que não poderia estar na festa. A professora conta que de início todos ficaram chateados, mas logo voltaram a ficar felizes, porque a professora apoiou seu faz-de-conta, como se a personagem existisse mesmo:

Finalizamos este tema com uma grande festa de Aniversário para Magali, com apoio dos funcionários da escola e responsáveis dos alunos. E, em meio a comidas, danças e brincadeiras, nossa turma recebeu uma grande carta da aniversariante justificando a sua ausência, que deixou muitos deles decepcionados, mas ainda encantados pela carta que confirmava a fantasia tão real. Posteriormente, foi elaborado um texto coletivo sobre a festa, para que todos tivessem um registro deste dia tão especial (SOUZA, 2009, p. 6).

Figura 19 – Atividades das Crianças da Turma



Aniversário da Magali

Fonte: Izabel Cristina Mendel Souza <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE_1914.pdf>

Vamos então para o segundo subtema, que tinha como título “A visita ao Sítio do Chico Bento”. Este iniciou com uma conversa sobre as diferenças entre zona urbana e rural, partindo das revistinhas do personagem Chico Bento. A professora relata que durante uma aula as crianças receberam uma carta do personagem, convidando-as para fazer uma visita ao seu sítio, o que causou muito entusiasmo, pois as crianças já estavam imaginando andar de

avião, e sonhavam com o passeio. Para tanto, as professoras fizeram uma roda de conversa contando a dificuldade que seria sair com todos eles dali, e estimularam que cada um desenhasse e criasse na sua imaginação a visita ao sítio do Chico Bento. Ao final eles socializaram seus desenhos, e foi possível alcançar o objetivo, que era o de “conhecer e reconhecer as variações regionais da língua presentes em nossa sociedade, aprendendo a respeitá-las, mas compreendendo que por mais que haja variações na fala, a escrita deve subordinar-se à norma culta” (SOUZA, 2009, p. 6). Ao final, os alunos reescreveram coletivamente a carta do personagem, segundo a norma culta da língua.

O terceiro subtema foi “Olha a higiene, Cascão”, pois, segundo a professora, foi “percebida a necessidade de trabalhar os cuidados com o corpo e com o espaço escolar.” (SOUZA, 2009, p. 6). O tema foi apresentado por meio de historinhas do Cascão, e a princípio as crianças tinham que interpretar as ilustrações e descrever as características do personagem. Durante a semana eram contadas histórias do Cascão para gerar discussões sobre o tema higiene, o que muito contribuiu para os hábitos da escola, além de ser lançado o desafio da caça ao Cascão, segundo a autora:

A caça ao Cascão, que se trata de um desafio coletivo, em que os alunos passaram a fiscalizar uns aos outros, para que não tenhamos nenhum Cascão em nosso meio. Com essa brincadeira os alunos têm lavado as mãos antes de irem para o refeitório, têm lavado as mãos após irem ao banheiro, têm buscado manter a sala limpa e organizada e têm cuidado do próprio material (SOUZA, 2009, p. 7).

Figura 20 – Noções de Higiene com a Turma da Mônica



“Olha a Higiene, Cascão”

Fonte: Izabel Cristina Mendel Souza <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE_1914.pdf>

A autora então encerra o artigo, contando o que pretendiam fazer durante o segundo semestre de aulas: trazer noções da cultura indígena, com apoio do personagem Papa-Capim, e o tema das diferenças físicas, com apoio na personagem Dorinha, que é portadora de necessidades especiais. Seguiriam, então, com o próximo subtema, que seria “A dieta da Mônica” abordando problemas como a obesidade, os cuidados com os alimentos, elaborando uma planilha de alimentos saudáveis, além de pretendem visitar uma horta e uma verdureira/sacolão. Além disso, os alunos seriam convidados a montarem um cardápio para a Mônica e a Magali, semanalmente, levando em consideração os alimentos saudáveis.

Ainda sobre os subtemas, a professora ressalta no artigo que pretendia trabalhar o respeito pelas diferenças físicas, trazendo as atitudes que os personagens Cebolinha e Cascão têm quanto à personagem Mônica, e os adjetivos que eles atribuem a ela, trabalhando assim os valores sociais, e principalmente o respeito com o próximo. Para finalizar, a autora conta que pretendia realizar um "amigo oculto" de troca de cartões, onde cada um descrevesse seus amigos na hora da revelação desta brincadeira.

Izabel diz que iria também abordar a importância do meio ambiente, com o subtema “Preservar para viver” percebendo a relevância as árvores, rios, para a nossa vida, além de abordar sobre a reciclagem, as lixeiras de metal, papel, material orgânico e plástico. Os alunos seriam convidados a construir um terrário individual com garrafas pet.

Em seguida, a autora conta que ao final do ano pretendia trabalhar o subtema “Educação no Trânsito não tem idade”, no qual abordaria os cuidados que devem ter, e a importância de utilizarem as faixas de pedestre, além de obedecer os guardas de trânsito.

Para tanto, estes assuntos que a professora ainda pretendia abordar têm como influência os gibis da Turma da Mônica que foram apresentados neste trabalho, com os temas que são abordados a partir do dia-a-dia das crianças, como o tema “Preservar para viver”, bem como a temática “Educação no Trânsito não tem idade”.

Para finalizar, a professora ressalta que qualquer aluno pode colocar uma ideia para a prática ser realizada, a partir de outros subtemas, despertando assim os interesses e desejos da turma. Ao final do ano cada criança receberia um almanaque individual com todas as atividades realizadas ao longo do ano.

Sobre a avaliação, a Izabel salienta que estava sendo realizada através de observações diárias, percebendo o avanço individual de cada um, apresentando assim as atividades, a participação bem como as dificuldades apresentadas. A professora ressalta, sobre o envolvimento com os gibis:

Até o momento, a maioria dos alunos tem manuseado os gibis diariamente e já tem identificado palavras e interpretado pequenos textos. Eles têm realizado as atividades propostas com autonomia e têm se envolvido muito com os temas abordados até o momento. Podemos dizer que neste período inicial os nossos objetivos estão sendo alcançados. (SOUZA, 2009, p.8)

É importante ressaltar que para garantir todas essas possibilidades de aprendizagem com os gibis, é preciso tê-los em sala, ao alcance das crianças. Em muitos contextos escolares, já é possível perceber a presença deles em sala de aula, e até mesmo em outros momentos na vida das crianças, uma vez que os pais às vezes levam as revistinhas para os filhos lerem em casa.

Portanto, diante dos trabalhos levantados, vimos que é possível, sim, a utilização das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* como apoio ao ensino e à aprendizagem, na alfabetização e no letramento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou apresentar possibilidades de utilização das histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* para apoio à alfabetização e ao letramento, bem como auxílio para outras disciplinas em salas de aula.

A pesquisa proposta procurou identificar e sintetizar materiais relevantes para apoiar os educadores neste sentido, como, por exemplo, os artigos escritos por professores de escolas que trazem as HQs já introduzidas no ambiente escolar, e que relatam propostas de trabalho desenvolvidas, bem como o resultado delas.

No processo de realização desta pesquisa, procurei em primeiro lugar estudar algumas referências teóricas que pudessem me dar fundamentação para estudar o tema. Assim, foi possível ter acesso aos Estudos Culturais e à influência destes na Educação, uma vez que são um modo de pensar sobre a cultura de uma forma não elitista, assim incluindo na escola as atividades culturais cotidianas das crianças, como a leitura de gibis, explorando-as pedagogicamente e mediando a relação das crianças com elas. Sendo assim, essa abordagem me ajudou a valorizar o potencial pedagógico dos diversos fatores culturais, para além dos muros da escola.

Percebi também que as HQs da *Turma da Mônica* abrangem temas da atualidade, e podem contribuir como um ponto de partida para discussões sociais e assuntos educativos. Neste sentido, trazem esses temas em linguagem voltada para o público infantil, promovendo valores como a solidariedade e o respeito.

De modo geral, a proposta da *Turma da Mônica* pode abordar com imaginação e ludicidade os acontecimentos do dia-a-dia, e muitos diferentes temas e situações que poderiam acontecer na vida de cada criança.

Além disso, retomei os estudos feitos no curso de Pedagogia sobre alfabetização e letramento, e busquei conhecer um pouco do campo das Histórias em Quadrinhos, principalmente sua história e as características do gênero. Ficou clara para mim a importância da leitura de imagens para o trabalho pedagógico com os gibis. Em todo o processo da pesquisa, meu objetivo principal foi contribuir para dar maior base para a utilização das HQs nas salas de aula, como auxiliares do ensino e da aprendizagem. As HQs são consideradas um veículo de comunicação de massa, têm grande poder de alcance, e, além disso, trazem diversas temáticas do cotidiano, bem como concepções, saberes, e representações, tornando-se assim aliadas para a compreensão e a discussão de temas diversificados que podem ser discutidos em sala de aula.

Como disse no início do trabalho, escolhi esse tema porque as HQs de Maurício de Sousa são produzidas e concebidas no Brasil, com personagens característicos deste país, além de estarem entre as revistas em quadrinhos de maior tiragem do Brasil e de maior aceitação pelas crianças.

Foi possível então tomar conhecimento de diversos trabalhos que já relatam experiências pedagógicas de utilização das HQs da *Turma da Mônica*, e através da análise deles pude chegar ao entendimento principal de que é concebível a utilização destes materiais para apoiar o processo de alfabetização e letramento, além de facilitar a introdução de assuntos relevantes atualmente, como a educação para a inclusão, o trânsito, a alimentação saudável, dentre outros.

Pela pesquisa bibliográfica que fiz, tendo como base artigos sobre o tema, bem como análises mais específicas sobre as HQs na escola, e principalmente pelos relatos de experiências dos professores, ficou clara a importância que as histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* podem ter no apoio à alfabetização e ao letramento, bem como em fazer as crianças terem gosto pela leitura.

Como dissemos inicialmente, houve um tempo em que os gibis eram malvistas nas escolas, e as crianças eram punidas por terem levado um deles para a sala de aula. Por consequência disto, a inserção dos quadrinhos foi lenta, e foi preciso pesquisar o tema e divulgar atividades realizadas com os gibis, para que ganhassem maior aceitação. O presente trabalho então reafirma que há benefícios na presença dos gibis na escola. É claro que somente a leitura dos gibis não é suficiente para o processo de alfabetização e letramento: além de o docente dever ter empenho e criatividade para auxiliar na aprendizagem dos alunos com as revistas, é preciso que as crianças tenham acesso a muitos outros gêneros textuais.

Assim sendo, é possível confirmar que o trabalho com as histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* pode apoiar o desenvolvimento da leitura e da escrita, além de propiciar entradas em assuntos de vários temas, apresentando um pouco de variados contextos atuais, de forma criativa, prazerosa e divertida. As HQ podem ser pontos de partida, e para além do trabalho com elas, o professor precisa estar por dentro do assunto a ser trabalhado, dominando seus significados e objetivos.

As HQs têm sido estudadas cada vez mais, e esses estudos vêm trazendo o quanto elas podem ser benéficas para as salas de aula, sem deixar de lado a preocupação de que haja adequação entre os temas, as linguagens e o desenvolvimento intelectual de cada indivíduo e o contexto social e cultural de cada turma. Além disso, foi relevante para mim perceber que

não existem regras fechadas para o uso dos gibis, dependendo muito da criatividade e dos objetivos pedagógicos de cada professor.

Para finalizar, é importante ressaltar que foi de grande aprendizado para mim a escrita deste trabalho, me permitindo ter maior conhecimento sobre um tema que me trazia curiosidades e inquietações. Uma vez que foi possível ter maior entendimento sobre o tema e acesso a questionamentos e estudos realizados, posso agora não apenas enriquecer minhas práticas como educadora, como também argumentar quando houver preconceitos sobre a presença desses materiais em sala de aula.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly: Entre imagens e palavras: a contribuição da literatura infantil e das histórias em quadrinhos para a educação do leitor. **Anais do COLE - XV Congresso de Leitura do Brasil**, 2005. Disponível em <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/index.htm>. Acesso em 04 jul. 2016.

ARAÚJO, Gustavo Cunho; COSTA, Mauricio Alves; COSTA, Evânio Bezerra. As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso Didático-Pedagógico. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes**. Uberlândia, n. 2, p. 26-27. Julho/dezembro 2008.

BARBOSA: José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13 abr. 2016.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski: Produção de textos escritos na escola: a linguagem e seu funcionamento. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização. Caderno 05**. Brasília: MEC, SEB, 2015.

CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1990.

COIMBRA, Marcos. Educação e Ensino Superior Privado. **Textos brasileiros**. 28 jun. 2006. Disponível em: <<http://www.brasilbrasileiro.pro.br/mcoimbra.htm>>. Acesso em: 20 de abril de 2016.

COSTA, Marisa Vorraber: Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, M.V. (org.): **Caminhos investigativos II: outros modos de fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R.H.; SOMMER, L.H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. 23, maio/agosto, 2003.

FERREIRA, Anna Rachel. **Leitura e escrita na pré-escola**. Revista Nova Escola. São Paulo. 2015. Disponível em: <<http://novaescola.org.br/creche-pre-escola/leitura-escrita-pre-escola-educacao-infantil-alfabetizacao-820073.shtml#ad-image-0>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

FERRO, J.P. **História da Banda Desenhada Infantil Portuguesa** (das origens até o ABCzinho). Lisboa: Editorial Presença, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

GUAREZI, Daniela Jeremias; DA SILVA, Karoline Rosa. **Registro de Docência da primeira semana de estágio no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI)**. Estágio curricular supervisionado em Educação Infantil. Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 2015.

INÁCIO, Cleoni Fanelli. Na Escola Com As Histórias Em Quadrinhos. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (26): 101 a 104, jan./abr. 2003.

JEAN, Georges. **A escrita – Memória dos homens**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEAL, Telma Ferraz; BUNZEN, Clecio: Obras complementares do PNLD no Ciclo de Alfabetização: planejamento e usos. In: BRASIL: Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Caderno 04: A organização do trabalho escolar e os recursos didáticos na alfabetização**. Brasília:MEC, SEB, 2015.

LISBOA, Livia Ludke. **Histórias em quadrinhos como local de aprendizagem: saberes ambientais e a formação de sujeitos**. Porto Alegre, 2008.

LOPES, Denise Maria de Carvalho Lopes: Aprendizagem da leitura: o que e como ensinar? Práticas que propiciam o avanço das crianças. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização. Caderno 05**. Brasília: MEC, SEB, 2015.

MACHADO, Vanessa. **Os quadrinhos da Turma da Mônica: Uma reflexão sobre a imagem discursiva dos personagens principais**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, PE. 2011.

MARTINS, Diogo. RAGAZZI, Ana Paula. **Desigualdade social freia os avanços da educação**. Revista Valor Econômico. São Paulo. 2016. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/opiniaio/4437526/desigualdade-social-freia-os-avancos-na-educacao>>. Acesso em: 28 de junho de 2016.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo – Rio de Janeiro, Hucitec-Abrasco, 1992.

OLIVEIRA, Ronilço Cruz. **O papel do gibi no processo de aprendizagem, na afetividade e nas emoções**. 2007. Disponível em: <<http://www.ucdb.br/gibiteca/experiencia.php>>. Acesso em: 15 abril de 2016.

PAIVA, Maria Luiza. Maurício de Sousa e Grupo Panini Renovam Contrato e Celebram sucesso editorial com público leitor após 5 anos de Parceria. **Revista Lítera**. São Paulo: Dez/2010. Disponível em: <http://www.litera.com.br/noticia_detalhe.php?id_noticia=224>. Acesso em: 4 de julho de 2016.

PELEGRINI, Denise. **Aulas que estão no Gibi**. São Paulo: 2000. Disponível em: <<http://novaescola.org.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/aulas-estao-gibi-423458.shtml>>. Acesso em: 18 de junho de 2016.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**, 26 Reunião Anual da Anped, 2004.

SOUSA, Maurício de. **Entrevista**. Mato Grosso do Sul: Revista da Rede Agupé. Educação ambiental para o Pantanal, 2003.

SOUZA, Izabel Cristina Mendel. XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 34, 2011, Recife. **Aquisição da leitura e da escrita a partir dos personagens da Turma da Mônica**. RECIFE. 2011. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE_1914.pdf>. Acesso em: 2 de julho de 2016.

TANINO, Sonia. **Histórias em quadrinhos como recurso metodológico para os processos de ensinar**. 2011. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

TOLEDO, Adriana. **Gibis estimulam a turma a tomar gosto pela leitura**. Revista Nova Escola. São Paulo. 2007. Disponível em: <<http://novaescola.org.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/eu-ja-sei-ler-gibi-423486.shtml>>. Acesso em: 18 de junho de 2016.

VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado? 2004. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). **Práticas de leitura e escrita**. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Uso das HQs no ensino** In: RAMA, Angela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2014.

ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal. Para a leitura de histórias em quadrinhos e de narrativas de ficção por imagens: introdução a aspectos narrativos e gráficos. **PNBE na escola: literatura fora da caixa**. Ministério da Educação; elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. – [Brasília :Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014]. (p.65-78).

